

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO**  
**PROGRAMA DE ESTUDOS PÓS-GRADUADOS EM EDUCAÇÃO: PSICOLOGIA DA EDUCAÇÃO**

**REGINA SUINI SANCHEZ**

**Plantão Psicoeducativo para Jovens em uma Periferia  
da Cidade de São Paulo: Uma Experiência Provocadora  
de uma Reflexão sobre Práticas Educativas.**

SÃO PAULO

2006

**REGINA SUINI SANCHEZ**

**Plantão Psicoeducativo para Jovens em uma Periferia  
da Cidade de São Paulo: Uma Experiência Provocadora  
de uma Reflexão sobre Práticas Educativas.**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia da Educação: Programa de Estudos pós-graduados em Educação, sob a orientação da Profa. Doutora Heloisa Szymanski.

SÃO PAULO

2006

**BANCA EXAMINADORA**

---

---

---

Ao amor de meus irmãos, meu pais, meu marido e meu grande  
companheiro, o pequeno Gustavo e a todos que passam na minha  
história como passarinhos, dedico.

## **AGRADECIMENTO**

A meus admirados inspiradores de trabalho, João Augusto Pompéia, Dulce Critelli e Maria Sapienza,

À Heloisa Szymanski pelo cuidado e respeito como orientadora e pela ética como coordenadora do Programa, em meus momentos decisivos.

## RESUMO

O presente estudo teve como objetivo compreender como o Plantão Psicoeducativo poderia oferecer uma oportunidade de reflexão para jovens moradores de uma periferia da cidade de São Paulo.

Considerou-se que a oportunidade de reflexão sobre a própria vida, constitui uma situação educativa uma vez que busca convidar o jovem para sua responsabilidade diante de si e do mundo.

O pensamento de Hannah Arendt orientou o olhar para a questão educativa.

Foi uma pesquisa intervenção realizada no contexto de Plantões Psicoeducativos embasada no referencial fenomenológico-existencial.

Depois de dois meses de realização dos Plantões para jovens e de encontros com quatro adolescentes, foram escolhidas duas histórias que apontaram o caráter educativo dessa prática.

As questões trazidas pelos jovens referiam-se a escolhas existenciais e às suas relações com o mundo e com o futuro.

O Plantão mostrou-se como uma oportunidade daqueles jovens sentirem-se implicados com seus futuros, buscando novas saídas para os mesmos, vistos, inicialmente, como inelutáveis, por meio do diálogo e da reflexão.

Verificou-se e analisou-se uma não-violência derivada da possibilidade de reflexão.

Esta pesquisa buscou contribuir para o desenvolvimento de práticas educativas direcionadas a jovens, a partir do relato dos diálogos realizados nos Plantões e da reflexão, sobre a questão educativa apontada anteriormente, que o mesmo desencadeou.

## ABSTRACT

The present study had the objective to understand how the Psycho Educational Duty Service could offer an opportunity of reflection for youth that live in the outskirts of the city of Sao Paulo.

It was considered that an opportunity for reflecting about one's own life creates an educational environment, once it aims to invite youth to their responsibility before themselves and the world.

Hanna Arendt's thoughts directed the insight towards the educational issue.

It was an interference research done in the context of Psycho Educational Duty Service based on the existential phenomenological reference

Two months after the Youth Duty Services and listening to four adolescents, two stories were chosen that showed the educational character of this practice.

The issues brought by the Youth were referred to existential choices and their relationship with the world and with the future.

The Duty Service sowed itself as an opportunity for those young people to be involved with their future looking for new exits, seen at the beginning inescapable, through dialog and reflection.

Non violence was perceived and analyzed as derived of the reflection possibility.

This research aimed contributing to the development of educational practices directed to youth, based on the report of dialogues that took place during the Duty Service and by the reflection, about the educational issue indicated above initiated by this procedure.

## SUMÁRIO

Apresentação .....	09
Estrutura do Trabalho .....	10
Capítulo 1 — Contexto dos Plantões desta pesquisa .....	15
Capítulo 2 — Descrição dos encontros .....	15
Capítulo 3 — Sobre o método fenomenológico .....	41
3.1 — Continuidade .....	47
Capítulo 4 — O pensar que desperta o homem para sua condição de iniciador ....	52
4.1 — O fazer história .....	58
4.2 — Responsabilidade .....	61
4.2.1 — Um caso ilustrativo .....	63
4.2.2 — Outro caso lustrativo .....	69
4.3 — O mundo próprio e impróprio .....	74
Capítulo 5 — Particularidades do trabalho com jovens .....	78
Capítulo 6 — Um compromisso de práticas educativas com jovens .....	85
Anexos .....	89
Referências Bibliográficas .....	94

## APRESENTAÇÃO

Esta é uma pesquisa-intervenção, realizada no contexto de Plantões Psicoeducativos,<sup>1</sup> direcionados a jovens de uma periferia de baixa renda da Cidade de São Paulo.

O que dois jovens moradores de uma periferia de baixa renda da capital paulista, ao buscar um espaço de reflexão com uma psicóloga, trouxeram como queixa pessoal? Como posicionavam-se diante de suas possibilidades? Que tipo de reflexão uma prática educativa de postura fenomenológica heideggeriana, direcionada aos jovens, como os Plantões Psicoeducativos desta pesquisa, pode buscar?

O jovem parece desalojado de uma situação familiar, conhecida, para um mundo incerto, solicitador. Parece ser invadido pela percepção do futuro que ainda não é, e pode ser.<sup>2</sup> A adolescência parece ser um momento propício para a reflexão da condição humana da abertura, do futuro incerto, das possibilidades a serem descobertas, da impermanência e da responsabilidade diante dessas condições.

A procura de alguém por seus caminhos é muitas vezes angustiante, tanto pela solidão como pela incerteza que pode acompanhar essa busca. Comumente procura-se no educador, no psicoterapeuta ou no plantonista, como nesta pesquisa, respostas prontas, gerais, para questões pessoais. Se esses profissionais atendem a essa procura e não se aprofundam na questão a ser compreendida junto de quem está implicado com ela, fecha-se a possibilidade de uma descoberta original.

A *daseinsanalyse* (análise do *da-sein* ou *ser-aí*, termo criado por Heidegger para referir-se ao homem)<sup>3</sup> deve ser entendida, segundo Spanoudis,<sup>4</sup> como uma

---

<sup>1</sup> Ver ANEXO 1, sobre Plantão Psicoeducativo.

<sup>2</sup> Compreensão derivada de estudos sobre o assunto e do trabalho em projetos educativos com jovens em favelas da cidade do Rio de Janeiro (2000) e na periferia de São Paulo (2001), na Instituição Casa dos Meninos; Projeto Semear (2001-2005) que oferece atendimento psicoterapêutico gratuito a adolescentes moradores de abrigos da capital paulista.

<sup>3</sup> Ver nota 53 de rodapé, p. 57, sobre *ser-aí*.

<sup>4</sup> SPANOUDIS, Solon. A tarefa do aconselhamento e orientação a partir da *daseinsanalyse*. *Revista da Associação Brasileira de Daseinsanalyse*, São Paulo, n. 4, 1978, p. 5.

teoria no significado original grego do termo, em que *theoria* quer dizer “*plenitude de desvelamento*”.

Uma orientação baseada na *daseinsanalyse* deve responder à con-vocação individual. Etimologicamente a palavra vocação origina-se do latim *voco* e significa ato de chamar. De acordo com Spanoudis, poder ouvir o que nos apela capacita o homem a assumir algo que desdobra as suas próprias possibilidades e seus interesses, estimulando a criatividade e proporcionando a realização de algo autêntico. Ele alerta:<sup>5</sup> “quem se distancia do próprio chamado fica à mercê da massificação, de modismos e status que podem disfarçar o apelo da escolha própria e tornar a vida um automatismo tedioso”. Além do perigo do tédio, há, como adiante será exposto, conforme H. Arendt, o risco de um processo desumanizador, de des-responsabilização do homem diante de sua própria vida e do mundo do qual faz parte, que pode “gerar mais devastação do que todos os maus instintos juntos talvez inerentes ao homem”.<sup>6</sup>

O papel de conduzir o indivíduo a ‘escutar’ suas possibilidades, de refletir sobre sua responsabilidade em avaliar sua trajetória e sua participação no mundo, é parte essencial da função educacional. Onde os jovens se sentem convocados, a orientação ocupa o lugar da dispersão e do descomprometimento.

## **Estrutura do Trabalho**

Este trabalho será apresentado na mesma ordem que a pesquisa caminhou: dos encontros com os jovens, nos Plantões Psicoeducativos, surgiu o questionamento da relação entre a postura fenomenológica heideggeriana, a compreensão do homem como iniciador e os compromissos de práticas educativas direcionadas a jovens. Ou, em outras palavras, surgiu a reflexão sobre a importância de um compromisso fundamental, originário da educação, a saber, o convite para a

---

<sup>5</sup> Ibid, p. 12.

<sup>6</sup> ARENDT, H. *Eischmam em Jerusalém. Um relato sobre a banalidade do mal*. 10. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004, p. 311.

reflexão, para a condução do educando na descoberta de sua responsabilidade diante de si e do mundo e das suas formas de atendê-la<sup>7</sup>.

Os Plantões realizados na presente pesquisa são expostos como pontos de partida para a discussão do tema proposto.

A compreensão da fenomenologia heideggeriana que embasa o presente trabalho não costuma ser fácil tanto pelos termos linguísticos, criados por Heidegger, como, principalmente, pelo convite que faz à radical mudança na forma de compreender dado fenômeno. Vemos esse convite também em H. Arendt, quando, por exemplo, escreve sobre o “pensamento iniciador” do homem (tema desenvolvido posteriormente).

Na tentativa de um discurso próprio para o presente trabalho e de simplificar a apresentação dos temas de discussão, buscou-se usar casos ilustrativos, autores que, pela familiaridade com Heidegger e Arendt, tornam-se assim “tradutores” do mesmo, como J. Pompéia e D. Critelli, entre outros e até palavras de um índio nada acadêmico. Além de pretencioso, seria descabido para esta pesquisa apresentar a condição humana trazida por Heidegger em sua totalidade. Utilizou-se apenas alguns de seus pensamentos, assim como de autores referidos anteriormente, para a compreensão do tema aqui proposto.

Buscou-se apresentar o texto de forma circular e não-linear, visando, a cada retomada do ponto de partida, ampliar a compreensão do tema de discussão.

Feitas essas considerações, será descrita a estrutura do trabalho.

O primeiro capítulo busca brevemente situar o leitor no ambiente em que os Plantões Psicoeducativos da pesquisa se deram e apresentar dados mais práticos da implementação destes.

O segundo capítulo descreve os encontros com dois jovens, no contexto dos Plantões Psicoeducativos.

---

<sup>7</sup> Este tema será mais bem desenvolvido durante todo texto e sintetizado no último capítulo deste trabalho.

Considerações dos encontros realizados com os jovens, que aproximam-se dos temas discutidos nos capítulos são usadas no decorrer dos mesmos.

O terceiro capítulo é uma tentativa de expor, dentro dos limites da pesquisa, considerações sobre o método fenomenológico heideggeriano.

O quarto capítulo aparece como conseqüência do anterior, já que este método compreende o homem a partir de sua condição de iniciador, de suas possibilidades. Algumas considerações sobre a condição humana que embasam este tema serão expostas, para maior compreensão do mesmo.

No penúltimo capítulo, buscou-se refletir a relação do momento da adolescência com o pensar convocador, trazido no capítulo anterior. Para tal, foram lembrados alguns ritos de passagem na adolescência em culturas primitivas e algumas considerações sobre a temporalidade humana.

O último capítulo aparece como uma retomada das considerações feitas nos capítulos anteriores para a discussão da importância, como exposto, de um fundamento da educação ou de um compromisso de práticas educativas e, mais especificamente, de práticas direcionadas a jovens.

## Capítulo 1

### CONTEXTO DOS PLANTÕES PSICOEDUCATIVOS DESTA PESQUISA

O primeiro contato com a comunidade, em que foram implementados os Plantões Psicoeducativos para adolescentes, foi por meio de uma conversa telefônica com o coordenador da creche, onde a PUC de São Paulo já desenvolve projetos há treze anos e os Plantões Psicoeducativos<sup>8</sup> para a população geral, há dois anos. Ele pareceu muito interessado e cooperativo com a implementação do Plantão para os jovens. Na creche, já eram desenvolvidos outros dois projetos com adolescentes.

Houve também um encontro com famílias da comunidade e com pesquisadores da PUC para discussão de temas sobre educação, no qual pude conhecer o local, alguns moradores e educadores e apresentar a eles o projeto do Plantão Psicoeducativo com jovens.

Marquei, com auxílio do coordenador, uma reunião com as educadoras de jovens. Todas as cinco compareceram. Apesar de já terem alguma familiaridade com os Plantões Psicoeducativos, explicitiei novamente o que eram os Plantões e pedi para que ajudassem a pensar meios de implementá-los com jovens.

Entreguei alguns cartazes<sup>9</sup>, pedi que colocassem nos lugares que discutimos serem estratégicos para o público jovem e que falassem com os adolescentes sobre o Plantão (eu conversaria apenas com uma das cinco turmas). Falei para enfatizarem o Plantão como um serviço direcionado a quem estivesse com alguma preocupação, problema, dúvida ou estivesse sentindo falta de alguém para conversar sobre suas coisas e que não era coisa de louco, nem de problemático, mas de gente, como nós e eles.

Essa primeira parte de nossa conversa durou cerca de trinta minutos. Na próxima, com duração de uma hora e meia, elas falaram da necessidade de um espaço para discutir, em grupo (havia o Plantão para educadoras) suas questões

---

<sup>8</sup> Ver Anexo 1, sobre Plantão Psicoeducativo.

profissionais e suas dificuldades em lidar com os jovens. O fato de não colocarem os cartazes de divulgação como o combinado, fazerem o encaminhamento da forma diferente do que a discutida “Tá vindo uma psicóloga de quinta, quem pode ir?” (conforme me relatou um jovem que procurou o Plantão, como quem cumpre tarefa) mostrou a importância da rede de encaminhamento ser cuidadosamente trabalhada.

Conversei novamente com uma das educadoras sobre a maneira como deveria apresentar os Plantões aos jovens, pedi a ela que falasse com as outras educadoras e me dirigi a duas turmas de adolescentes para falar do Plantão. Falei também do horário e local (uma sala com privacidade e não exposta) de atendimento. Disse ainda sobre a possibilidade de chegarem e encontrarem a porta fechada (em virtude de algum atendimento); neste caso poderiam esperar, voltar depois ou manifestar seu interesse à educadora Helena,<sup>10</sup> que estaria sempre na creche naquele horário. Ela saberia onde encontrar o interessado assim que eu estivesse disponível.

Após dois meses de implementação dos Plantões e depois de ouvir quatro jovens, foram escolhidas duas histórias inspiradoras da discussão do tema presente.

---

<sup>9</sup> Ver Anexo 2.

<sup>10</sup> Todos os nomes apresentados nesta pesquisa são fictícios.

## Capítulo 2

### DESCRIÇÃO DOS ENCONTROS

Dos encontros, os diálogos foram fielmente transcritos logo após seus terminos, a partir da lembrança da plantonista. Eles servem, como exposto anteriormente, de ponto de partida para a discussão sobre práticas educativas direcionadas à jovens.

Dados identificatórios foram mudados em prol do sigilo, fator fundamental para uma relação de confiança com os jovens. E, no caso de Jonathan, alguns detalhes comprometedores foram omitidos visando sua segurança.

Isso não altera o conteúdo das histórias, que são apresentadas a seguir.

**Jonathan, 19 anos: 1º. Encontro** — Data: 16/09/2004; Duração: 2h30.

Sua aparência não é de bem nem de mal cuidado. Usando bermuda, camisa regata e chinelos, parecia um pouco envergonhado e desanimado. Depois do aperto de mão, pergunto como chegou ao Plantão. O jovem diz que a educadora falou para ele ir, porque ela sabia que ele estava com problemas. No encontro em tom médio para baixo, fala sem acelerar.

Pergunto se quer me contar. Diz que é difícil dizer o que tem para falar. Enfatizo a questão do sigilo e digo que realmente é estranho falar de coisas pessoais com quem a gente mal conhece.

Ele fala que está com vergonha e pergunta se pode voltar depois. Respondo que sim, mas pergunto se pode esperar um pouquinho (ele procurou-me por duas vezes antes de eu chegar; parecia realmente precisar falar com alguém e, nesse caso, uma ajudazinha para ele ficar poderia ser essencial). Ele concorda. Com quem mora?, pergunto. Ele diz: “com minha mãe e com meu avô; minha prima agora saiu

de casa porque foi morar com o marido... você não conta pra ninguém mesmo?" Confirmando que não. O rapaz faz essa pergunta mais duas vezes durante o encontro. Fala que tem vergonha. Pergunto se é por ter vergonha de algo que ele havia feito. Responde que sim. Pergunto se contou para alguém e se alguém sabia. Ele diz que não falou para ninguém e só quem sabia era seu parente que "foi quem fez a besteira, eu só estava junto". Então, desabafa: conta que presenciou uma briga seguida de assassinato, e que a mando do parente deu a arma usada no crime e arrumou o corpo para que parecesse acidente. E pergunta atordoado: "Eu não sou culpado, né? Foi ele que atirou!" Peço que continue a história, J. fala que eles venderam o carro e a arma e que, na hora, estava escuro e a testemunha talvez não o tenha visto bem.

Pergunta-me mais duas vezes: "Eu não fui culpado, né? O cara não tem como saber que era eu, né?". Antes de eu dar qualquer resposta ou opinião peço calma e esclarecimentos. Procuo saber sobre a arma. Ele conta que ele estava com ela, pois eles iriam resolver uma briga em um bairro vizinho e precisava levá-la, porque se os caras de lá estivessem armados "eu precisava me defender".

Pergunto se ele já esteve em situação parecida. Ele, diz que não, vendia droga, fazia alguns assaltos, mas nunca houve morte. Quis saber se ele usa drogas. Responde que não, já usou. Qual?, pergunto. Se usou 'pedra' (*crack*), também, e ele diz: "Só cocaína, porque pedra os caras não deixam entrar aqui, se não os cara vira tudo 'noinha' e não consegue mais trabalhar". Pergunto há quanto tempo aquele episódio ocorreu, e ele conta que foi: "um mês e meio, mais ou menos". Repete, sem que eu peça, detalhes da cena do crime, umas quatro vezes, e essa repetição não me parece uma tentativa de impressionar, mas de tirar o peso do segredo de algo que, finalmente, estava sendo dito.

Peço que me fale um pouco da sua história. Ele conta que morou com a avó até 7 anos no interior e depois a avó o trouxe para morar com a mãe, que então revolveu: "Meu filho, eu é que sou sua mãe. Eu tive que trabalhar e sua avó ficou cuidando de você". Daí ele soube que a avó era avó e não mãe, mas conta que as duas eram muito carinhosas com ele. Até que, há uns oito anos, a avó teve uma doença, não se lembrava mais de ninguém e morreu, o que o deixou muito chateado.

Questiono sobre o seu pai, e ele diz que não o conhece nem sabe quem é. Com cerca de 14 anos começou a andar com os “caras” errados e, por medo, sua mãe o levou para morar uns tempos com a tia, em uma cidade pequena. Lá, participou de um assalto e voltou fugido. Ele conta que, chegando aqui, envolveu-se com o pessoal do crime e agora não consegue sair. Pergunto se ele quer sair. Diz que sim. O sim parece tão sincero quanto desesperançado. Por que, para que quer sair?, pergunto. Ele diz que fica vendo, o tempo todo, o rosto do “cara” morto, “e depois, se tenho um filho, como vou falar pra ele não fazer as coisas erradas, se eu faço?”. Pergunto se ele tem algum sonho. Ele fala que quer ter uma casa, com família e filhos.

Pergunto como é Wilian (seu parente), e ele me diz: “O cara é muito raivoso, qualquer coisinha que fazem com ele, ele quer matar. Falam que ele ficou assim depois que saiu da cadeia. Ele bate na minha prima”. Pergunto se teve medo dele na hora que ele pediu a arma. “Tive. Ele falou que era eles ou nós e gritou pra eu dar pra ele, falei pra deixar quieto mas não teve jeito”. Questiono como tem sido esses dias depois desse acontecido. “Eu nunca tive medo de nada, agora não saio de casa. Se passar um carro com vidro escuro eu já acho que estão atrás de mim. Direto eu vejo a cara do homem morto. Antes eu sentava ali na praça com o pessoal.”

Pergunto como é na casa dele. Ele conta: “Minha mãe já falou que tem até vergonha de mim, que prefere morrer a ver um filho morto ou na cadeia. Falou que outro dia ela passou na rua e falaram ‘olha a mãe do marginal!’. Esse eu tinha coragem de matar! Ela fala que quando meu avô morrer eu vou ver se ela também não vai se matar. Me dá uma raiva quando ela fala assim, que dá vontade de falar pra ela, que se ela quiser eu dou um revólver pra ela. As pessoas não se matam assim, né?” Esperou por uma resposta, então eu disse: “Existem pessoas que se matam sim, mas eu não posso falar da sua mãe até porque eu nem conheço ela. Você tem medo de que ela morra?”. Ele respondeu: “Tenho.” Continuo: “E de que ela morra antes de poder ter tido orgulho de você um dia; você também tem medo?”. “Tenho”, respondeu. Pergunto: “Você acha que dá tempo para isso?”. Ele fala: “Ela diz pra mim que está perdendo o amor por mim, que vai me largar. Ela fala para mim que não é certo a gente pegar as coisas de quem trabalha para comprar. Você acha

que ela pode parar de gostar de mim?”. Fico impressionada com a sinceridade, simplicidade e ingenuidade, nas perguntas daquele menino-bandido. Então eu falo: “Poder? Pode. Você tem medo de perdê-la (que ela morra) e medo de perder o amor dela?”. Novamente, responde: “Tenho. Eu vendi minha arma, é ruim ficar sem porque a gente fica mais fraco. Tô recusando os ‘movimento’ (assaltos), mas os caras já estão no meu pé. Amanhã mesmo tem um negócio de oito mil, que não sei se vou. Eu já fui lá umas quatro vezes pra falar, mas não consigo. Aí o chefe pergunta o que foi e eu falo que fui buscar umas paradas (drogas para vender) e ele fala: pega logo! eu falo que depois volto”. Pergunto se ficava com medo e ele diz que sim. “De que?”, indago. “Dos caras me apagarem, porque quando sai um, ele pode abrir pra polícia. Já apagaram uns quatro que quiseram sair, menos um que entrou pra igreja e era truta (amigo) do cara. E esse cara está bem, com carro, casa, trabalho. Apesar de que eu acho que ele comprou as coisas com dinheiro do crime. Tem uns caras que são esperto e guardam dinheiro.” “Você guardou?”, pergunto. “Nada”, ele responde. Penso: não era esse o motivo que o fazia querer sair do crime.

Pergunto como é quando nega sair com os caras, e ele diz que é bom e ruim. “Tem vezes que eu não quero ir e na hora “h” acabo indo”. Eu falo: “às vezes com drogas alguém quer parar de usar, mas é muito difícil, principalmente se a tentação fica por perto e que, passando por um tempo de abstinência, em que fica muito mal, tem dúvida se vale à pena, e que precisa de um tempo para poder saber se valeu a pena.”

Peço para que esqueça o que é certo e o que é errado e pense na sua vida, o que ele quer para ela. Pergunto se ele já foi ao enterro de um traficante ou bandido. Ele responde que não. E falo: “Normalmente não tem ninguém lá, quando muito, vai a mãe, e o que a gente ouve não é: ‘menos um coisa ruim, já foi tarde?’” Ele concorda. Continuo: “Eu, por exemplo, quero que tenha no meu enterro gente que diga ‘que bom que esta pessoa existiu’. Eu, Regina, quero ter sido importante para alguém (ou para algumas pessoas) na minha vida. Mas isso é o que eu quero para mim agora, você, realmente está na hora de decidir o que quer para sua vida, ela é só sua”. Silêncio. Responde, parecendo decidido: “Eu quero sair do crime!” Constato, quieta: o ânimo mudou.

Depois de uma pausa, digo:

— Bom, para isso, você tem alguns pontos a seu favor: o primeiro é não ser viciado, porque se tivesse de sustentar o vício seria muito mais difícil. O segundo é ainda ter sonhos: família, filhos (como você falou) e servir de exemplo para eles. Você já gostou de alguém, para querer namorar?

— Não, ele responde.

Continuo:

— Ainda tem isso para viver. O terceiro é o amor que você tem da sua mãe e o medo de perdê-lo. A esperança de um dia ver, nos olhos dela, o orgulho de você; e outro fator que te ajuda é esse mal-estar, esse desassossego diante da morte do rapaz, talvez isso seja um sinal de que não é para você, ou, quem sabe, com o tempo, você pode se tornar como Wilian, que mata tranquilamente...

Ele me interrompe:

— Não, eu não quero isso!

— Então, quem sabe, por mais terrível que tenha sido esse assassinato e esse sofrimento que veio depois, eles possam ter vindo pra servir, para te acordar, para te obrigar a parar e ver o que você quer para você, porque o que foi não dá para mudar. Pelo que está me contando, você está com um grande mal-estar pela culpa do que já foi. Mas também me parece que é pela culpa do que ainda pode acontecer. Você me perguntou se é culpado pela morte do rapaz, por esse tormento que te persegue, por você ter dado a arma. Legalmente, acho que você pode responder por participação. No entanto, parece que tem duas coisas aí: uma é o crime que já aconteceu, e outra são os crimes que provavelmente acontecerão se você continuar no crime. Então, agora, me parece que o que te perturba é a culpa pelo que já foi, que não há mais o que fazer e a culpa das mortes que ainda possam vir a acontecer, mas com estas você ainda pode fazer alguma coisa. E talvez este acontecimento, além de te fazer mal, possa te servir.

Pergunta-me:

— Mas, como eu faço? Eu pensei em ir lá e falar: ‘vou dar um tempo, ‘os policia’ estão atrás de mim. Amanhã eu faço o trampo (trabalho), mas nem quero o dinheiro e aí eu paro’. Aqui eu falo , mas na hora eu não consigo, os caras não vão me deixar.

— E se você perguntasse, para o cara que saiu, o que ele acha?

— É uma boa.

— E se você saísse daqui do bairro, você acha que sua mãe toparia? Acha que eles iriam atrás de você?

— Minha mãe ia na hora, só que daí a gente ia ter de pagar aluguel, que aqui a gente não paga e acho que eles não iam atrás de mim.

— Porque, saindo daqui, você também ficaria mais seguro quanto a possível vingança dos amigos do rapaz morto, ou da polícia. Quanto ao aluguel, não daria para alugar a casa onde vocês moram agora e com esse dinheiro pagar outra?

— É, mas eu moro aqui desde pequeno, tenho meus amigos. O pessoal do projeto, que ‘os mano’ fica me tirando de eu estar participando.

— Bom, Jonathan, pelo que a gente conversou me parece que, por enquanto, você tem três opções, pense com qual você vai ficar: (1) continuar no crime e deixar de ver orgulho por você no rosto da sua mãe. Correr o risco de ficar parecido com Wilian, não podendo servir de exemplo para um filho que você possa vir a ter um dia e sentir que sua vida não valeu mais do que fazer mal a algumas pessoas e as outras coisas que conversamos; ou (2) sair do crime e largar o lugar onde você gosta de morar, com suas amizades e também com as ameaças que este lugar agora tem para você; ou (3) sair do crime e continuar aqui, correndo o risco de morrer pelo assassinato ou por ter saído do crime. Talvez valha a pena você pensar com você mesmo, seriamente e conversar com o cara que saiu do grupo, antes de tomar uma decisão.

Depois disso, ele fala: “Amanhã vou falar para os caras que não vai dar pra eu ir no negócio!”

Acabo perguntando se podíamos parar por ali e se na semana que vem ele poderia voltar. Ele diz que sim. O 'clima' me parece muito, muito mais leve.

Portão fechado. Através da grade ele pede para que uma moça (conhecida sua), chame alguém na creche para abri-lo. Enquanto esperamos, ele me pergunta se eu quero bolo e refrigerante. Agradeço, dizendo que não. Pergunto se eles dão bolo e refrigerante na creche, e ele diz que não, que compraria para mim. Depois, comenta: "é engraçado, tem coisas que estão sempre aqui e a gente nunca vê, olha que bonita essa árvore, nunca tinha reparado nela".

Saio confiante no valor de nossa conversa. Peço para ele voltar na próxima semana, para que pudesse se sentir acompanhado, de certa forma, neste momento de decisão, de possível renascença. Porém essa única conversa já parece ter sido muito significativa e penso no valor de um serviço como o do Plantão.

Pensemos nas palavras Plantão, plantar, semente, palavra, terra fértil, húmus, homem. O papel do psicólogo e do educador, afinal, é ajudar o educando a enxergar o que já estava lá, ou seja, sua humanidade, seu ser húmus, terra fértil, que acolhe os acontecimentos da sua vida e tem, dentro de seus limites, a liberdade de destinar esses acontecimentos. É como se, naquelas duas horas e meia, J. tivesse recuperado sua humanidade, uma dignidade, um empunhamento diante dos fatos de sua vida.

**2º. Encontro** — Data: 23/09/2004; Duração: 20 minutos.

Encontro-me na sala de atendimento, quando escuto, "Ô psicóloga!". Apareço na janela, é Jonathan dizendo que o portão estava fechado. Digo para ele entrar pelo outro portão. Ele chega, muito diferente de como chegou na semana passada, sorridente, com reflexos no cabelo e, ao me cumprimentar, dá-me uma bala. Aceito e agradeço.

Pergunto se está tudo bem e ele, sorrindo, diz que sim. "Resolvi as paradas." Pergunto:

— Como?

— Fui na casa do cara que saiu, que está na igreja e depois a gente falou com o chefe. Aí, fui lá, conversar com o marido da minha prima também, falei que tinha conversado com você, aí ele ficou me tirando que você era da polícia, por que eu fui te contar. Falei pra ele que eu estava com a cabeça pesada. Ele falou que na cadeia conversou com uma mulher que fazia umas perguntas e era da polícia. E falou que você também era da polícia.

Eu peço para ele ficar tranqüilo, falo que não sou da polícia, e do trabalho da equipe da PUC e da questão do sigilo. Parece se tranqüilizar.

Ele continua:

— Aí, minha prima levou Weverton na igreja e o espírito falou que a hora dele já está marcada. Ele ficou com medo e por causa disso está parando com o crime também.

— E a outra coisa como você resolveu?

— Fui lá falar com o cara que saiu e ele falou que ninguém tem que mandar na minha idéia. Aí perguntei como foi quando ele saiu e ele falou que os caras chamaram ele só mais uma vez e depois pararam. Falei com ele no domingo, aí ele falou que ia comigo na 2a. ou 3a. A gente chegou lá umas 10 h. E saímos umas 2h. Tive que jogar a maior idéia no cara porque ele queria saber por que eu queria parar. Inventei uma história que vi um mano sendo assassinado na minha frente num assalto e vi que não quero isso, aí ele ficava perguntado aonde, como. A gente ficou um tempo em silêncio, eles discutiram um pouco, o chefe acusou o cara que saiu de estar fazendo minha cabeça. Depois ele falou: “Firmeza, só que tem que ser homem de uma palavra só, depois já era”. Aí eu falei: “Firmeza, eu quero sair mesmo”.

Questiono como ele saiu de lá. Ele:

— Sei lá, tô mais leve, tô conseguindo dormir.

— Fico feliz por você.

— Obrigado, valeu, foi nossa conversa.

Olha-me com um sorriso que parece de orgulho. Falo:

— Você parece melhor mesmo do que quando entrou aqui semana passada, quando parecia ter uns 1.000 kg em cima de você, agora pode ser até um tipo de renascimento, né?

Ele, sem dúvida, muito satisfeito, responde “É.” Pausa. E continua: “Meu padrasto também me tirou de eu falar com você porque ele falou que psicólogo pergunta uma pá de coisa, se eu gosto de homem.” Damos risada. “Eu falei que você só tinha feito pergunta firmeza”. E eu falo que esse negócio de sigilo, faz as pessoas ficarem imaginando um monte de bobagens (que é da polícia ou que fala de homem que gosta de homem...)

Ele conta: “O chefe perguntou pra mim se eu tinha visto o fulano. Falei pra ele que não, por quê? Umás paradas aí, ele respondeu. Perguntei qual parada. Ele me respondeu que não interessava mais pra mim. Falei: Firmeza, fica aí com suas idéias”. J. constata: “Tô fora! Eu até ia passar na casa do cara que vendi a arma, pra trazer para senhora ver ela” .

Pergunto:

— Você falou alguma coisa com sua mãe?

— Não.

— Ela percebeu alguma mudança?

— Acho que sim, ela me perguntou porque eu não to mais saindo à noite, falei que não ia mais sair. Aí ela falou “Sei, é só hoje, depois continua”. Falei que não, que tinha parado. Ela falou que acabando a oitava série (estou na sexta), ela me arruma um emprego de vendedor com ela. Ela perguntou se não podia nós três conversar junto.

Respondo que contanto que ele esteja junto, tudo bem. Marcamos para a semana seguinte. Damos um aperto de mão e falo “Tchau, e parabéns pela

conquista!” Ele responde: “Parabéns pra senhora também, que foi graças à senhora que eu consegui” e me dá outra bala.

Senti, muito forte, a gratificação da potência de um Encontro.

Na semana do próximo encontro Jonathan. não aparece, mas aquilo realmente não me preocupou, tamanha a força dos encontros anteriores. Sinto que a urgência da mãe em conversar comigo talvez tivesse se tranqüilizado. Ao sair com o carro, passo pela praça em frente à creche e escuto: “Psicóloga! Psicóloga!”. Paro o veículo era J., ele sai da roda de jovens em que estava, coloca a cabeça dentro do carro pelo vidro do passageiro e fala: “minha mãe não pode vir hoje, mas semana que vem a gente pode conversar com a senhora, né?” Respondo: “Claro”. Despedimo-nos com sorrisos.

Na semana seguinte Jonathan não aparece e, novamente, isso não me preocupa. A educadora que me ajuda a marcar os horários com os jovens (que também é educadora de Jonathan), me pergunta se ele foi. Respondo que não e que, na realidade, estou mais preocupada com a vinda de outra moça, pois eu acreditava que Jonathan tinha dado o ponta-pé de que precisava e que, ela e o curso, especialmente naquele momento da vida dele, são muito importantes. Nesse momento outra educadora que está na sala, fala: “Eu falei com a mãe do J., podem ficar sossegadas, porque ela me disse, toda feliz, que tem boas notícias dele.”

**3º encontro** – Data: 10/10/2005; duração 30 minutos

Cerca de um ano depois, marquei um encontro com Jonathan Querida sua autorização para incluir nossos encontros nesta dissertação.

Errei o caminho (não parti do lugar como de costume) e cheguei 1 hora atrasada. Jonathan tinha ido encontrar-se comigo e voltado para casa. Liguei para ele justificando-me e pedi novo encontro na creche.

Ao nos reencontrarmos, cumprimenta-me com um aperto de mão e um sorriso discreto. Entramos em uma sala a sós. Perguntei como ele estava. Ele diz que estava bem, terminando a sétima série, fora do crime e ajudando seu padrasto no trabalho de colocação de faixas. Falou que, às vezes, “cruzava” com o pessoal do “movimento”, cumprimentava-os e só. Contou que o marido da prima estava preso e que “ele se deu bem mal”.

Disse-lhe que ficava feliz por ele. Expliquei melhor a minha dissertação e falei da vontade de promover o serviço dos Plantões e da importância das descrições das entrevistas para tal. Também falei que sua identidade seria totalmente preservada e que, se ele quisesse, poderíamos omitir qualquer trecho das nossas conversas. E disse ainda que gostaria que ele me confirmasse se o que estava escrito foi exatamente o que conversamos.

Li, na íntegra, em voz alta, com ele acompanhando no papel, o texto referente aos dois encontros descritos anteriormente, incluindo o trecho da descrição do assassinato, que, por prevenção, foi omitido neste trabalho. Durante a leitura, seu único comentário foi o de que dois dos “caras” que “trabalhavam” com ele tinham morrido com um tiro e, em alguns momentos, confirmava com a cabeça o que eu lia. Depois da leitura, ele falou que estava tudo certinho e que eu não precisaria tirar nada. Jonathan não parecia disposto a perder a confiança em mim.

Perguntei como foi ter recordado essas coisas e ele: “bom e ruim, porque lembrar dessas coisas não é muito bom”. Indaguei se ele gostaria de ficar com o texto como lembrança de uma fase não só difícil, mas de decisão, de conquista que teve em sua vida ou se achava perigoso ter isso guardado com ele ou não queria e, respondeu que, se não fosse me fazer falta, gostaria.

Assinamos os termos de consentimento, Jonathan ficou com uma cópia do documento. Eu lhe disse que, além da minha palavra, esta seria outra garantia para seu anonimato.

Agradei, e, mais uma vez, disse-lhe que ficava feliz por vê-lo bem e nos despedimos. Estava na porta da sala, esperando a funcionária da creche para me despedir quando, ao sair pelo portão, ele virou-se e perguntou: “A senhora não vem mais aqui? Não vai mais ter Plantão?” Respondi que eu, provavelmente, não, mas

que o Plantão talvez recomeçasse com outros psicólogos no próximo ano e que seu consentimento poderia contribuir para que isso pudesse acontecer. Ele completou: “Que pena, tem muita gente aqui que precisa”. Despedimo-nos novamente. Após cinco minutos saí pelo mesmo portão e tive uma surpresa: Jonathan estava abraçado a uma menina, conversando com ela. Olhei, acenei, ele acenou de volta.

**Keli, 15 anos — 1º encontro:** Data: 30/09/2004; Duração: 1h30

Apresentamo-nos e Keli conta que não sabe por onde começar. Pergunto como chegou lá, e ela diz que foi pelo coordenador, que a aconselhou, e também por ela, que realmente queria. Falo da questão do sigilo. Ela diz: “é que meu pai... não sei como falar...”. Pára, espero e a ajudo: “É que seu pai?”. Ela continua, “eu não agüento mais morar com ele. Minha vida está um inferno, eu não to mais agüentando e não sei o que fazer”. O que está acontecendo?, pergunto. Ela prossegue:

— Ele não deixa eu namorar, bate em mim, na minha mãe, nos meus irmãos. Se eu chego tarde, porque faço escola depois do curso, ele diz que eu estava dando por aí, não vê o lado bom, fala que eu sou uma vagabunda, que dou pra qualquer um...

Faz uma pausa e prossegue:

— É que ele abusava de mim.

Parou, esperei.

— Ele abusou de mim desde os 8 anos. Quando eu fiz 11 anos não deixei mais ele me encostar porque eu tinha medo de engravidar dele. Aí, ele me batia, e um dia minha mãe chegou bem na hora que ele estava começando, ficou nós três, ela perguntou o que estava acontecendo e ele falou nada e ficou me olhando. Quando ele saiu para trabalhar eu contei a ela o que ele fazia. Eu não podia ter falado antes. Ele sempre batia nela. Eu tinha medo que ele fizesse alguma coisa com ela ou com meus irmãos.

Chora, doído. Quis saber quantos irmãos tem e ela responde que são duas meninas de 8 e 10 anos e um de 11. Perguntei:

— Como era quando ele chegava perto de você?

— Ele dizia pra eu ficar quietinha, que não era pra eu contar pra ninguém. Minha irmã, às vezes, via e falava que não era certo. Eu tinha medo, falava pra ela não contar. Ele abaixava minha calça e fazia.

— Chegava a ter penetração?

Responde que sim.

— Às vezes eu fico pensando: se eu tivesse contado antes pra minha mãe...

K. conta-me isso tudo chorando muito. Ela não mostra uma postura sedutora, nem retraída, veste-se com uma blusa decotada, é bonita, ligeiramente gordinha. Conta-me as coisas com clareza, intercala o olhar entre suas mãos que estão no seu colo e meus olhos. Tem um jeito muito machucado, mas calmo, talvez desesperançado, de falar.

Ela continua:

— Minha mãe, então, me mandou pra morar uns tempos com minha avó e colocou ele pra fora. Aí eu fiz uns exames no hospital, mas não apareceu esperma dele. Depois ele morou uns tempos com minha tia, depois foi trabalhar em Tocantins. Ele não subia pro bairro de jeito nenhum, senão os caras iam pegar ele.

— Matar?

— É.

— As pessoas ficaram sabendo?

— Ficaram. Aí, a prefeitura tirou nossa casa e a gente teve que morar noutra bairro, aqui perto. Depois de três anos ele voltou. Aí, começou o inferno de novo, apareceu na minha casa numa noite de Natal, falou que não tinha onde ficar e se podia passar só aquela noite lá. Minha mãe perguntou pra mim se podia e eu perguntei se era só naquela noite, ela disse que sim e agora ele está lá até hoje (um ano). Eu não to agüentando, às vezes eu quero morrer, às vezes eu penso em matar ele. (Pausa.) No primeiro mês ele estava calmo, não batia em ninguém, mas agora voltou tudo de novo.

— Ele ainda abusa de você?

— Não! Agora eu não tenho mais medo dele, outro dia ele pegou a faca pra mim eu peguei uma pra ele. Eu quero sair de lá, mas não posso deixar meus irmãos e minha mãe. Eu não durmo direito, com medo dele pegar elas de madrugada.

— Você imagina que em uma dessas brigas pode acabar realmente acontecendo uma morte?, perguntei.

— Sim, se eu tiver muito nervosa, mas sei que apesar de tudo ele é meu pai.

Pergunto qual é o nome dele, e ela responde, Carlos. Digo que irei chamá-lo pelo nome, porque para mim era difícil, depois de tudo que ela me contou, chamá-lo de seu pai. Questiono se os quatro irmãos eram filhos dele; ela responde que sim. Pergunto se alguma coisa ele tem de bom para que sua mãe tenha tido quatro filhos com ele e tê-lo aceitado de volta. Ela me diz: “é, ele nunca deixou faltar nada em casa, mas também só isso”.

Quis saber se a mãe dorme na mesma cama com ele, e ela conta que sim. Pergunto o que ela acha que acontece para mãe tê-lo aceitado de volta. Ela diz que ele é que não vai embora, bate nela e ela tem medo que ele faça alguma coisa. Questiono se ela sente que a mãe a ama. Ela diz que sim, que a mãe costuma dizer que ela é a filha mais querida, “Eu vejo que ela ama eu e meus irmãos. Quando aconteceu isso comigo ela começou a beber”. Indago se a mãe continua bebendo e ela conta que não.

Pergunto se ela já procurou a delegacia da mulher, e ela responde: “Tem mais de dez B.O. lá em casa, de bater na minha mãe, do que fez comigo, de briga dele na rua. Mas e daí, ninguém prende. Eu não sei o que fazer”, diz, chorando.

Comento que ela falou em namorado e pergunto se tinha um. Ela responde que sim, de um mês. Pergunto como era namorar depois dessa história. Ela diz que gosta dele, mas que não dá pra pensar em casar com ninguém, pois “e se meu marido faz com os filhos o que meu pai fez?” Questiono se ela consegue se divertir. “Consigo brinco com meus amigos, dou risada, mesmo na época, mas tem aquela coisa por dentro [faz uma cara doída e aperta a mão sobre o peito neste momento].

Mas às vezes fico sozinha, não vou à escola e fico pensando.” Pergunto: “Pensando em que?”. “E se eu mandasse matar ele?”, diz.

Falando desse jeito, ao mesmo tempo que parecia ser uma possibilidade bem próxima, também parecia incompatível com a delicadeza daquela menina. Peço para ela ter calma, que conversaríamos até descobrir algumas saídas para essa situação.

Ela diz:

— Sou uma boa filha, vou à escola, faço curso de dança, de espanhol, venho neste projeto, mas não vê o lado bom.

— Quem não vê o lado bom?

Pausa. E ela diz baixinho (parecendo não convicta):

— Minha mãe.

— Seu pai também?

Volta a chorar forte.

— É, mas ele não dá valor.

— Você gostaria de fazer alguma coisa para o seu pai mudar, parar de te humilhar, te admirar como boa filha e até quem sabe te pedir perdão?

O choro aumenta ainda mais. Espero. E continuo:

— Bom, Keli, penso que seu pai até pode mudar um dia, quem sabe, apesar de eu achar bem difícil pelo que você me contou. Porém, o que acho que você não pode fazer é se prender em fazer algo para que ele mude, porque acredito que, mesmo que você ganhasse o Oscar, prêmios e prêmios, não seria isso que o faria mudar. Fazer seu pai mudar, não está nas suas mãos, não depende de você! Então, Keli, um obstáculo que eu acho que você deve tirar do seu caminho, caso queira caminhar, é esse sonho de que seu pai mude, ou melhor, de que você possa fazer algo para que ele mude.

Chora muito e concorda, balançando a cabeça. Pausa. Deixo-a um pouco, consigo mesma, e volto:

— Você acha que poderia ter feito diferente do que fez, em relação aos abusos?

— Não sei, às vezes eu fico me perguntando se eu tivesse contado antes pra minha mãe, mas eu tinha muito medo que ele fizesse alguma coisa com ela. Eu fui a filha que mais deu problema pra minha mãe, tive que operar uns cistos na barriga, na virilha, teve a história do meu pai.

— Hoje parece-me que você pode agir diferente com seu pai, não é? Até pegar a faca para ele você me contou que pegou. Agora, quero que você se imagine ou imagine, uma menina de 8 anos que não sabe bem as coisas, diante de um homem de 40 anos, violento, como você me contou que é seu pai, a quem devia obediência e que, sendo adulto e seu pai, deveria, melhor do que você, saber o que estava fazendo. O que uma menina pode fazer diante de um homem deste?

— Nada — Ela responde com um choro forte.

— Este é outro obstáculo que, acredito, você deva ultrapassar: perceber que não dava para você, naquela época, ter agido diferente. Eu, pessoalmente, já te achei bem corajosa de tê-lo enfrentado com apenas 11 anos. Keli, depois que você tiver conseguido ultrapassar esses dois obstáculos: deixar de lado a expectativa de que seu pai mude ou melhor, de que você possa fazer alguma coisa para que isso aconteça; aceitar que você não poderia ter feito melhor ainda do que fez, acredito que fique mais fácil para encontrarmos saídas.

Keli foi parando de chorar, assentindo a cabeça. Depois de um breve e profundo silêncio, continuei:

— Vamos pensar o que a gente consegue ver hoje (porque mais tarde podem ainda surgir mais saídas que hoje a gente não consiga ver). Bom, se você sair da sua casa como seria?

— Eu não ia conseguir, porque aí ele ia fazer alguma coisa com minhas irmãs, preciso tomar conta delas.

— E se você continuar lá?

— Também não estou agüentando, qualquer hora ou eu mato ele ou me mato.

— E se você matar ele?

— Eu posso ir pra cadeia.

— Se você mandasse matá-lo também, né? Você me falou que não o matava porque, apesar de tudo, era seu pai. Vamos deixar de lado se ele merece ou não, vamos pensar em você. Viver na cadeia é uma coisa que é “muuuuito” difícil, você quer isso para o seu futuro, consegue se imaginar lá?

— Não, eu não quero.

— Acho que você corre dois perigos se o matar: ser presa e destruir sua vida (me parece que você ainda pode aproveitar muito, o que ela tem de bom); e, se não for presa, talvez essa morte se torne algo muito pesado para você carregar, um tormento, um 'fantasma' (não fantasma de verdade) que vá te seguir pelo resto da vida, pois você me parece muito cuidadosa, muito carinhosa ao falar de seus irmãos, da sua mãe, uma menina muito meiga, que, apesar de tudo, ainda consegue sorrir, brincar.

Ela concorda. Pergunto:

— Qual seria o outro jeito de se livrar do seu pai sem ser matando-o?

— Não sei. Porque mesmo quando a gente estava aqui em cima, ele perseguia minha mãe no ponto (de ônibus), falando bobagem pra ela.

— Bom, se vocês voltassem a morar aqui, você acha que ele viria?

— Não, ele não sobe pra cá de jeito nenhum, ele sabe que matam ele.

— Então, uma saída que vocês têm, para não viver mais com ele, é voltar a morar aqui, porém é provável que ele seguisse vocês, mas já seria alguma coisa não dividir o mesmo teto, não é? Ela concorda. Sua mãe está trabalhando?

— Não, ela trabalhava de doméstica, mas perdeu o emprego.

— Para pagar algum aluguel, provavelmente vocês duas teriam de arrumar um trabalho.

— Se a gente sair ele pode fazer alguma coisa com minha mãe ou com um de nós.

— E se vocês fizessem uma queixa, dizendo que se acontecesse alguma coisa, deveriam ir atrás de seu pai e contassem pra ele? Talvez amedrontasse ele ou seria pior?

— Só deixaria ele mais nervoso.

— Outra coisa em que pensei foi no fato de vocês se mudarem para outro lugar. São Paulo é bastante grande. E se conseguissem não deixar nenhuma pista (o que não é fácil), vocês poderiam mudar de lugar. Esse projeto, no qual você ganha bolsa, existe em outros lugares de periferia cujo aluguel é barato, inclusive, conheço pessoas de outras regiões. Só que, para isso, vocês teriam de planejar “muuuuito” escondido, deveriam estar trabalhando e precisariam abrir mão das amizades. Você tem laços fortes de família, por aqui?

— Não muito.

— Daria para abrir mão deles?

— Daria!

— Bom, não comenta isso com ninguém. Vamos conversar mais na semana que vem, eu gostaria de conversar também com sua mãe. Se ela não puder, venha só você na semana que vem, e depois com ela na outra semana. Você acha que ela viria?

— Vem (pareceu estar convicta).

— Bom, porque acredito que sua primeira tarefa seria ultrapassar aqueles obstáculos que a gente conversou. Depois, conversando com sua mãe, entendendo

como ela vê tudo isso, podemos ver se dá para vocês se unirem para ajudar a descobrir uma boa saída para esse problemão. Você já conversou ou conversa com ela sobre isso?

— Não.

— Vamos tentar?

Com a cabeça e um leve sorriso, acena que sim. Concluí:

— Então calma e até semana que vem, tá?

Despedimo-nos com um abraço, e espero confirmar minha impressão de que K. tenha saído mais esperançosa e menos sozinha.

## **2º Encontro – Data: 25/11/2004; Duração: 2 horas**

Por uma série de desencontros, ficamos quase dois meses sem nos falarmos. Quando chego na creche, depois desse tempo, lá está ela me esperando, como havíamos combinado (por intermédio da educadora), e me apresenta ao seu namorado: “essa é minha psicóloga”. Até chegarmos na sala, os dois trocaram, sem exibicionismo, carinhos e brincadeiras. O rapaz ficou nos esperando do lado de fora por duas horas.

Digo que pensei nela durante esse tempo e pergunto como ela está. Ela responde, mais ou menos, e conta que tem tido dores no peito, que tem ficado muito nervosa. Sente uma dor, fica fraca como se fosse desmaiar e não desmaia, a vista fica escura. Foi no hospital, mediram sua pressão e marcaram exames e consulta. Tento saber mais, mas parece que isso era tudo o que ela sabia sobre essas dores.

Ela conta que tem passado muito nervoso e vai casar. Com espanto peço para ela me contar melhor sobre isso. Segundo ela seu pai descobriu o namoro e ficou muito bravo, só a xinga de vagabunda e, agora, está insuportável. Ele falou

para ela sair de casa ou não ver mais aquele “nego fedido”, referindo-se ao namorado de Keli. Pergunto:

— E sua mãe?

Ela conta:

— Ela falou para eu casar e sair de casa ou não ver mais meu namorado.

— E o que você achou disso?

— Já to chorando. Minhas amigas falam que minha mãe tinha que estar mais do meu lado e eu também acho. Às vezes fico pensando que ela fez todo o esquema pra aceitar meu pai de volta, porque quando ele veio no Natal eu não estava, e quando eu cheguei, ela perguntou pra mim se ele podia ficar.

— Sabe o que eu me perguntei depois da nossa conversa? Por que vocês se mudaram para outro bairro, quando perderam a casa de vocês, onde seu pai poderia voltar, porque aqui ele não podia, né?

— Minha mãe falou que ela tinha que ir trabalhar às 5, 6 horas e que aqui ficava longe do ponto, que é lá em baixo e era perigoso para ela. Às vezes eu fico com raiva da minha mãe, porque nessa semana mesmo ela falou que era bom se a gente (Keli e o namorado) mudasse até sexta que vem, é quase como se ela estivesse me expulsando. Eu gosto do meu namorado, mas acho que é meio cedo pra eu casar. Ele fala que me ama (sorri nessa hora), mas não sei e se for assim só no começo e depois mudar. Antes disso, ele já tinha falado pra gente morar junto e eu tinha dito que não, agora eu falei pra ele e nós vamos morar numa casa, na rua de baixo da minha mãe.

Pergunto se ele trabalha. Ela conta que sim e que vai mudar de emprego para ser vendedor de loja de sapato. Questiono como era estar com ele. Ela diz que é muito bom, que se sentia muito bem e que ele a fazia rir, e que ela contou para ele tudo o que aconteceu com seu pai: “Eu comecei a chorar antes de contar e ele depois chorava mais que eu. Ele disse que queria matar meu pai, que um homem desses não merece viver e que queria ainda mais tirar eu de lá”. Pergunto o que a fez contar para o seu namorado, se havia mudado algo nela. Ela responde:

— Acho que não mudou, continua sendo muito difícil falar disso pra qualquer um. Às vezes eu escuto alguma história dessas e já vem tudo na cabeça. Aí eu me orgulho de não ter perdido a cabeça, de ter ficado até que bem. Mas não falo pra ninguém dessas coisas.

— Eu não acredito que você deva sair falando para qualquer um mesmo, é algo seu. Eu lembro de você me contar que estava começando a namorar, mas que achava que não conseguiria casar com ninguém, confiar em alguém, por medo que seu marido pudesse fazer a mesma coisa com seus filhos. Como está isso?

— Eu tenho medo que ele mude, que ele esteja sendo assim só no começo.

— Você conhece a família dele?

Conheço os pais, os irmãos, todo mundo gosta de mim, me tratam super bem. A mãe dele me falou que ele é o mais responsável dos filhos.

— E as pessoas que andam com ele?

— Ele é professor de capoeira também, não anda com ninguém esquisito. Mas eu me acho nova, acho que a gente precisava se conhecer melhor, não queria que fosse assim nas pressas como está sendo. Não vai dar nem pra comprar nada pra casa.

Pergunto:

— E se você esperasse mais, como seria?

— Ia ser um inferno, porque tudo agora meu pai acha que eu estou com ele. Me xinga o tempo todo de vagabunda... Mas acho que meu namorado não vai mudar. Apesar de que meu pai não era ruim desde o começo.

— Como foi a história dos seus pais?.

— Meu avô um dia falou pra minha mãe chegar até as 9h30 e ela chegou às 9h40, daí ele não deixou mais ela entrar e o dia seguinte minha avó falou que era para ela sair de casa. Depois, ela morou uns tempos com minha madrinha, que é irmã do meu pai e depois ele casou com ela. Mas ele sempre foi ruim, uma vez ele

cismou que um amigo do meu avô mexia com ela e quis matar ele, aí meu avô entrou na briga e ele quase bateu nele. Depois, quando ela estava grávida de mim, ele queria furar a barriga dela com um punhal que ele tinha. Batia nela, gastava o dinheiro com jogo. E às vezes eu falo pra minha mãe que ela deve ser um pouco burra, porque depois disso tem mais quatro filhos com um homem deste, eu nunca que teria, eu largava um homem deste.

— Então, sua mãe já tinha amostras de que seu pai era violento, mesmo no começo da relação deles?

— Já!

— Você acha seu namorado diferente do seu pai?

— Acho!

— E você, se acha diferente da sua mãe nisso, quando diz que ela parece burra?

— Acho!

— Pelo menos, por enquanto, parece que *sua* história com seu namorado é diferente da dos seus pais. Como você está em relação aos seus irmãos, para sair de casa?

Recomeça a chorar e conta que a pior coisa de tudo é não poder estar mais com seus irmãos e com sua mãe, não poder ajudá-los mais.

— Separar-se deles é o mais difícil?

— É. Porque comigo eu nem ligo mais, ele xinga. Ela acha que ele é assim por minha culpa. Vamos ver agora, eu saindo de lá, se ele vai parar. Mas, se ele fizer alguma coisa com minha mãe ou meus irmãos...

— Você acha que foi boa filha até hoje?

— Acho que sim, eu sempre ajudei a cuidar dos meus irmãos. Quando minha mãe ficava bebendo, depois de se separar, eu que cuidava deles. Minha mãe

também fez muita coisa pra mim, se eu não visse isso estaria sendo ingrata. Eu fui boa filha e ela boa mãe.

— Você gostaria que sua mãe conseguisse colocar seu pai pra fora de casa ou saísse de lá em vez de você se sentir sendo colocada para fora? — Concorde, balançando a cabeça. — Mas a gente não sabe o que acontece, porque ela não consegue se separar de seu pai de vez, há quinze anos. Enquanto ele morar lá, talvez ela pense que o melhor para você seja realmente sair daquela casa e, assim, deixar de ser ofendida pelo seu pai, sair desse nervosismo. Será que não pode ter algo de um cuidado da sua mãe com você, quando ela te diz para casar logo (talvez nem ela tenha isso claro), já que você me diz do amor de vocês duas?

O choro diminui e fez uma cara de talvez, com o rosto inclinado. Continuou:

— Vamos pensar na pior hipótese. Se por acaso a união de vocês não der certo, o que acha que pode acontecer?

— Só sei que eu não vou voltar pra lá, posso ir morar com minha avó, arrumo um trabalho.

— Você acha que ainda pode ser melhor do que está agora? Ela diz que sim. Então o pior ainda não é tão ruim, né? O que você acha que é o mais difícil?

Chora muito de novo. E diz:

— Me separar, não ajudar mais meus irmãos e minha mãe.

— Como é o esquema com seus irmãos, seu pai fica sozinho com eles?

— Não, nunca! Estão com minha mãe ou comigo ou com a vizinha que sabe de toda a história. Eu vou morar na rua de baixo, aí vou ficar com eles ainda.

— Por tudo o que já me contou, não dá para você ficar bem enquanto morar com seu pai, não é? E será que hoje em dia o melhor que você pode fazer, inclusive pela sua mãe, não é você ficar bem? Você se lembra do que eu tinha dito sobre dois obstáculos, quando a gente conversou? Do que você lembra quando conversamos?

— Eu me lembro de você falar que eu sou meiga e também do que a gente falou se eu fizesse uma besteira... Naquele dia quando eu voltei para casa, ele tinha batido na minha mãe, aí meu irmão foi na delegacia, meu pai foi atrás dele e minha mãe foi atrás do meu pai com medo que ele machucasse meu irmão. Quando eu cheguei em casa naquele dia eu não fiz besteira porque comecei a pensar nas coisas que a gente tinha conversado, se eu fosse presa...

— Eu me lembro disso e também de lhe dizer que você não podia ter feito melhor do que fez, na época em que foi abusada — uma criança de 8 anos contra um pai violento de 40 anos...; que você já tinha sido muito corajosa aos 11 anos por não deixar mais ele te tocar e de ter dito para sua mãe; que fez o melhor possível, inclusive, agora, você diz que sente orgulho de você, de não ter perdido a cabeça e de ter sido boa filha, de ter ajudado sua mãe quando ela mais precisava. Até aqui você fez o melhor possível, e eu digo que fico surpresa de quão bem você fez isso, tanto naquela época quanto agora. Talvez melhore as brigas na casa de sua mãe, com sua saída, porque sua presença perturba seu pai, mas isso não é culpa sua. Eu também me lembro de lhe dizer que o segundo obstáculo que me parecia que tinha diante de você, era ver que não dependia de você para seu pai mudar (isto é se ele algum dia mudasse), como não depende de você o fato de sua mãe conseguir se separar definitivamente dele. Você vai continuar ao lado dela, ajudando com seus irmãos. Talvez seja a hora de você virar uma página da sua história, o livro continua sendo o mesmo, sua vida. Agora em uma nova etapa: se afastar, para não morar mais com seu pai, para ficar bem; talvez isso, inclusive, seja o melhor jeito de você ajudar ela também.

Pausa, continuo:

— Você está tendo relação sexual com ele?

— Estou.

— Bom, Keli, você disse que quer ser mãe.

— É, eu preciso tomar cuidado. Interrompe-me.

— Acho que, além da camisinha, é melhor você pensar em tomar pílula, procurar um posto de saúde, se não quiser engravidar. E acho que se você engravidar hoje — com todo esse peso que já está sendo casar agora, com pressa, sem vocês se conhecerem bem — seria muito difícil para você e para o seu casamento. Acredito que, se esperarem mais um tempo, você poderá ter menos medo de que ele faça alguma coisa com seus filhos. Com mais tempo de convivência, maior será sua confiança, e mais vocês vão poder curtir esse filho.

Ela concorda, balançando a cabeça e, com os olhos inchados de chorar, me dá um sorriso.

Digo a ela que eu iria tirar férias, e que, por enquanto, esse momento da vida dela está muito difícil, mas parece que ela está encontrando caminhos. Falo também que foi um prazer tê-la conhecido. Levantamos, ela se aproxima e me dá um forte abraço. Abraço-a e, quando percebo, já havia dito: “Você já mora no meu coração”. Despedimo-nos e, apesar do meu espanto, senti-me muito à vontade com minha frase.

### Capítulo 3

#### **SOBRE O MÉTODO FENOMENOLÓGICO HEIDEGGERIANO**

Buscou-se utilizar da fenomenologia heideggeriana, tanto nas conduções dos Plantões Psicoeducativos realizados como na discussão do tema de pesquisa.

O capítulo que se segue apresentará considerações sobre o método fenomenológico, sem muito uso dos diálogos com os jovens, que serão mais retomados nos capítulos seguintes.

O método fenomenológico de conhecimento não pretende substituir o modo de pensamento tradicional do Ocidente (que Heidegger chama *metafísica* e identifica como suas manifestações modernas a ciência e a tecnologia). Não se trata de substituir o ponto de vista metafísico por outro, uma verdade única por outra.

A fenomenologia justamente nasce como crítica à crença metafísica na unicidade da verdade e na busca de uma perspectiva de conhecimento que seja absoluta, pontos que têm estruturado o pensamento de nossa civilização.

Segundo Critelli,<sup>11</sup> depois de Platão ter instituído o conceito (uno, eterno, incorruptível) como o lugar de manifestação da verdade de tudo o que é, depois de Aristóteles ter estabelecido que ao intelecto pertence essa função de conhecimento e depois de Descartes ter modulado esse intelecto como Cogito (cujo único procedimento aceitável é o do cálculo e do controle lógico-científico da realidade engessada na forma de objeto empírico), “[...] o Ocidente moderno parece ter aceitado esta via como única perspectiva adequada, viável e válida para a aproximação entre homem e mundo, para seu saber a respeito de tudo com que se depara, inclusive com ele mesmo”.

Conforme essa autora, nos 2400 anos de seu desdobramento, o saber no Ocidente fez-se realizando uma coincidência entre ser e substância e entre verdade

---

<sup>11</sup> CRITELLI, D. *Analítica do Sentido: uma aproximação e Interpretação do Real de Orientação Fenomenológica*. São Paulo: Educ: Brasiliense, 1996, p. 12.

e representação, acreditando que essa coincidência é sua única via possível. Segundo ela:<sup>12</sup> “A fenomenologia é a busca de tornar acessível ao pensar aquilo que através da metafísica se manteve em ocultamento, esquecimento para o pensar”.

Essa busca fenomenológica, conforme Critelli, implica necessariamente na discussão acerca da questão do ser e da verdade: “Qual é o melhor caminho de se captar e expressar, verdadeiramente, o que são e como são as coisas”.<sup>13</sup>

O pensamento metafísico pressupõe que a verdade seja uma, estável, absoluta, bem como a via de acesso a ela, assim o conhecimento é resultado da superação da fluidez do existir. Já o pensamento fenomenológico é compreendido como relativo e provisório, mas isso não é uma falha e sim uma condição de conhecimento de uma realidade móvel. É exatamente a partir dessa fluidez, dessa insegurança, que o conhecimento do homem pode se dar. A fenomenologia trata dos possíveis modos de ser.

Um exemplo dessa fluidez é apontada na intervenção: “Vamos pensar o que a gente consegue ver hoje, porque mais tarde podem ainda surgir mais saídas que hoje a gente não consiga ver. Bom, se você sair da sua casa como seria ?...”.

Para o conhecimento metafísico, o ser que se busca é substância; para a fenomenologia, é o movimento de vir-a-ser do existir. De acordo com Critelli,<sup>14</sup> “Heidegger identifica este conhecimento como a superação da representação e aponta para a apropriação do ser”.

Segundo Heidegger:<sup>15</sup> “Mais elevada do que a realidade está a possibilidade. A compreensão da fenomenologia depende unicamente de se apreendê-la como possibilidade”.

Esta pesquisa visa o conhecimento, que suspende as crenças (ou teorias, ou pré-conceitos) acerca do fenômeno estudado, para que estas possam, eventualmente, servir de auxílio posterior de compreensão e não se restrinjam a clausuras para o pesquisador.

---

<sup>12</sup> Ibid., p. 31.

<sup>13</sup> Ibid., p. 11.

<sup>14</sup> Ibid., p. 31.

<sup>15</sup> HEIDEGGER, Martin. *Ser e Tempo*. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 1993. p. 69.

Não se trata de desprezar o conhecimento adquirido sobre dado fenômeno, mas de suspendê-lo, realizando o que Husserl propôs como *epochê*, visando um pensar que se volte à coisa mesma. Ou, como propôs Heidegger,<sup>16</sup> a pesquisa fenomenológica deve “deixar e fazer ver por si mesmo aquilo que se mostra, tal como se mostra a partir de si mesmo”. Fenomenologia é a apreensão, a escuta do que o ente diz na e a partir da sua aparência; compreensão do que se mostra naquilo que aparece.

Assim, cada encontro é uma surpresa. Quais possibilidades cada jovem descobrirá sobre si são um mistério. Buscou-se uma descoberta original, implicada, feita pelo educando, do que se fazer, a partir de suas peculiaridades. Percebe-se que, tanto nas entrevistas de Jonathan como nas de Keli as primeiras grandes partes das intervenções nas mesmas são constituídas basicamente por perguntas, uma tentativa de proximidade, buscando os significados do que lhes ocorria, para que estes pudessem indicar caminhos, orientá-los. Mesmo as sugestões do que fazer eram sempre feitas como perguntas, na tentativa de abrir caminhos, de exercitar o investigar as possibilidades futuras de cada um.

De acordo com Critelli:<sup>17</sup>

Não se sai em busca da compreensão de um fenômeno tentando aplicar sobre ele uma resposta já sabida sobre ele mesmo; é a ele que perguntamos o que queremos saber dele mesmo. O que constitui a investigação é a interrogação, e não a sua arquitetura instrumental.

O método fenomenológico busca o que o fenômeno particular (que é único) tem a dizer, naquele momento. Segundo Szymanski:<sup>18</sup>

[...] pode-se interpretar o pesquisar como uma resolução de abertura para a manifestação do fenômeno tal como ele se mostra, ou

---

<sup>16</sup> Ibid., p. 65.

<sup>17</sup> CRITELLI, op.cit., *Analítica do Sentido*, p. 25.

<sup>18</sup> SZYMANSKI, H. Plantão Psicoeducativo: Uma proposta de atenção psicológica para agentes educacionais. Anais do *III Encontro Regional de Psicologia Social – IV Simpósio Nacional de Práticas Institucionais*. São Paulo, 2005, p. 23.

‘suportar’ a manifestação dos entes, sem enquadrá-los em concepções prévias, sejam teóricas, sejam do senso comum.

Provavelmente Tuiavíi,<sup>19</sup> um chefe da tribo Tiavéa nos mares do sul da Polinésia, jamais tenha ouvido falar em método fenomenológico, mas sua crítica ao modo de pensar e conhecer do homem ‘branco’ pode contribuir para a compreensão desse método.

Segundo Scheurmann,<sup>20</sup> Tuiavíi adverte com amor os compatriotas para que se libertem do fascínio do Branco, pois sua cultura aliena o homem de si mesmo, o torna inautêntico, o piora. “‘Acreditais trazer-nos a luz’, Tuiavíi disse-me em nosso último encontro, ‘mas, na verdade, quereis é arrastar-nos para vossa obscuridade’”.

Scheurmann concorda com a crítica do samoano ao pensamento do ‘homem civilizado’, quando escreve:<sup>21</sup>

Por que não nos devemos julgar demasiado eruditos? Desçamos por uma vez, das alturas de nosso espírito até a maneira singela de pensar e ver deste homem dos mares do Sul que, ainda livre do fardo da instrução e ainda primitivo do modo de sentir e de pensar, nos ajuda a descobrir em que nós perdemos o sentido sagrado do homem.

Essas falas simples parecem se aproximar do conhecimento citado, que Husserl propôs a partir da epouê.

Para Tuiavíi, o espírito do papalagi (como chama o homem branco) é como um “tubo de fogo carregado”. Suas falas coincidem com o exposto, sobre a crença metafísica na unicidade da verdade e na busca de uma perspectiva de conhecimento que seja absoluta, quando escreve “O papalagi tem pena de nós, povos das muitas ilhas porque não exercemos o seu saber. Ele acha que somos pobres de espírito, estúpidos como os bichos selvagens”.<sup>22</sup>

<sup>19</sup> TUIAVÍI apud SCHEURMANN, E. *O Papalagi*. São Paulo: Marco Zero, 2003.

<sup>20</sup> SCHEURMANN, E. op.cit., p. 11.

<sup>21</sup> Ibid., p. 12..

<sup>22</sup> Ibid., p. 87.

Segundo Tuiavii, o pensamento do papalagui se tornou obrigação, coação, está sempre no meio do caminho, tal qual um grande bloco de lava que ele não desloca. É comum o papalagui viver só com a cabeça enquanto todos os sentimentos dormem profundamente, ficando preso em seus pensamentos. Ele exemplifica:<sup>23</sup>

A vida do Papalagui é semelhante à de um homem que vai de canoa para Saváii e que, mal se afasta da praia, pensa: “Quanto tempo vou demorar para chegar a Saváii?” Pensa mas não vê a paisagem agradável que tem diante dos olhos. Se aparece na margem uma serra, já pensa: ‘Que é que haverá atrás desta montanha? Talvez uma enseada profunda, ou estreita?’ E não ouve as cantigas do mar que os jovens cantam; nem as brincadeiras divertidas das moças. Assim que a enseada e a serra ficam pra trás outro pensamento o atormenta: ‘Será que vai cair um temporal antes do anoitecer? Será?’. O Papalagui procura no céu então nuvens sombrias. Só pensa no temporal que pode cair; que não cai e a Saváii ele chega sem dificuldade. Mas é como se não tivesse viajado.

De forma simples, as falas do samoano podem ser usadas como alerta para o conhecer que não se deixa, em um primeiro momento, impactar pelo fenômeno estudado, correndo o risco de ‘ensurdecer-se’ para o fenômeno ao ficar preso em alguma teoria. O conhecimento prévio a ser comprovado, pode encobrir o fenômeno. E, assim como o papalagui que perde a viagem, o pesquisador pode estar lá, mas não estar, perdendo as propriedades, o que é próprio e particular dos fenômenos estudados. De forma sensível, ele nos lembra o exposto sobre o conhecimento que sai em busca do fenômeno tentando aplicar sobre ele uma resposta já sabida sobre ele mesmo, que não está aberto para o novo.

Ao escrever sobre o desejo de atingir os poderes soberanos do Grande Espírito, Tuiavii nos lembra a questão do poder e da dominação do conhecimento metafísico. Diz ele:<sup>24</sup>

Se perguntar a um Papalagui porque ele pensa tanto, responderá: ‘Porque não quero ser tolo’ (...) Mas creio que isto não passa de

<sup>23</sup> SCHEURMANN, op. cit. p. 88.

<sup>24</sup> Ibid., p. 90.

pretexto e o que ele deseja, realmente, quando pensa, é atingir os poderes secretos do Grande Espírito. Ele próprio dá um bonito nome a este desejo: conhecer.

As falas espantadas deste ‘estrangeiro’ aproximam-se da crítica feita pela metodologia fenomenológica, à avidez por um conhecimento que ‘engessa’ e pretende dominar o objeto estudado, subjetivando-o e escondendo sua potência de vir-a-ser, de movimento. Assim o investigador distancia-se, não se deixa afetar, surpreender e acolher o que de novo o fenômeno estudado trás, conta. Ele continua com seu espanto:<sup>25</sup>

Metem-se na cabeça das crianças tantos pensamentos quanto se pode. Só as mais sadias deixam que lhes passem pelo espírito como se fosse uma rede. A maior parte, no entanto, sobrecarrega-se com tantos pensamentos que já espaço não resta para que a luz penetre. Quem tem instrução conhece todos os rios, animais e plantas pelos nomes. Sabe tudo, tudo mesmo. ‘Instrução’ quer dizer: encher a cabeça de saber até as bordas. Se fizeres qualquer pergunta a um homem que tenha instrução, ele te dispara a resposta antes de fechares a boca. Sua cabeça está carregada de munição, sempre pronta para disparar.

Segundo Tuiavíi, a maior parte dos homens civilizados leva na cabeça um fardo, um fardo que fadiga o corpo, tira as forças, envelhece antes do tempo. Ele conclui:<sup>26</sup>

Amados irmãos, não devemos imitar o Papalagui e aprender a pensar como ele pensa. Não devemos, nem podemos fazer coisa alguma que não nos torne mais fortes de corpo, mais alegres e melhores de espírito. Precisamos, e isto é o mais importante, evitar tudo quanto nos prive da alegria de viver.

Spanoudisescreve sobre essa aproximação do fenômeno estudado, essa escuta atenta e cuidadosa, explicitando em seu texto que Daseinsanalyse é uma teoria no conceito original do grego antigo onde theoria quer dizer “plenitude de

---

<sup>25</sup> Ibid., p. 91.

desvelamento”<sup>27</sup> e não é uma teoria, como um conjunto de hipóteses e suposições para confirmar modelos preestabelecidos, baseada em uma explicação causal e determinista. Acrescenta<sup>28</sup> que Daseinsanalyse é um caminho de compreensão sem distorções que sacrifiquem a autenticidade para satisfazer a qualquer custo a construção de uma teoria.

### 3.1 Continuidade

Berg<sup>29</sup> também nos alerta para a omissão, na cultura moderna ocidental, da característica inovadora do pensamento.

Ele afirma que a idéia da continuidade homogênea — em que o presente e o futuro são resultado do passado e não há nada de novo neles — possibilitada por Descartes e formulada pela primeira vez por Leibniz em forma de lei, atingiu seu máximo desenvolvimento no século XIX, com Lyell e Darwin. Estes defendiam que seus objetos de estudo não apresentavam nada novo, tratava-se, respectivamente, sempre do mesmo material (crosta da terra e matéria orgânica) e das mesmas forças (geodinâmicas e biológicas).<sup>30</sup>

A idéia da continuidade homogênea e da previsibilidade das ciências naturais, estendida para as ciências humanas, baseia-se no caráter passado da sua natureza. Todas as coisas precisam ser reduzidas para o seu caráter mensurável, e é só por via da homogeneidade que se torna possível uma causalidade absolutamente necessária.

Desde Descartes a mensurabilidade tornou-se para nós tão importante que esquecemos quantas desigualdades se cobrem com ela. Berg coloca que quem está dominado por uma hipótese acha sempre os argumentos que a provem. Cita a

---

<sup>26</sup> Ibid., p. 92.

<sup>27</sup> SPANOUDIS, op. cit., p. 05.

<sup>28</sup> Ibid., p. 13.

<sup>29</sup> BERG, Van Den. *Metabólica: Psicologia Histórica*. 5. ed. São Paulo: Mestre Jou, 1965.

<sup>30</sup> Ibid., p. 51.

demonstração da homogeneidade da identidade de Jackson,<sup>31</sup> que descreveu o louco como um indivíduo são que desceu um ou alguns degraus da escada da evolução. O doente e o são estão na mesma escada. O doente não apresenta nada de novo, não se torna um enigma, segundo tal demonstração.

A idéia crescente a partir de Descartes é a de que todas as coisas devem ser consideradas como tendo uma causa. Esse mundo, conforme Berg, que se funda, exclusivamente, no passado é apresentado à criança. E as respostas nunca parecem bastar a elas, o que denuncia em que dificuldades esses conceitos mergulham nossas crianças.

Berg<sup>32</sup> reflete sobre um diálogo com seu filho:

‘Por que as folhas são vermelhas, pai? Pelo outono, pelo frio! Por que o frio? Pela posição baixa do sol! Por que é que o sol está tão baixo? Por causa do lugar da terra em sua trajetória! Por que aquele lugar na trajetória da terra? Por causa do movimento! Por que o movimento? Pelo movimento contínuo! Por que movimento contínuo?’ Por Deus! Que blasfêmia! Que absurdo!!! Todas essas respostas, absurdo! Por que é que as folhas são vermelhas, pai? Porque assim é tão bonito, filho. Não vês como são bonitas todas essas cores? É isto o outono.

O autor afirma que resposta mais exata não haveria. Resposta que não faz surgir outras perguntas; que não leva a criança a uma série de perguntas cujas respostas são, uma após outra, limiares. Ele lembra que há igualmente um processo químico nas folhas, a criança o aprenderá, por certo, mais tarde e pede provocativamente para que não nos apressemos assim em tornar-lhe o mundo inabitável.

Segundo Berg, ninguém acreditaria em tal resposta, pois não acreditamos em uma resposta que põe o sentido dos acontecimentos, nos próprios acontecimentos, o sentido das coisas nas próprias coisas. Para nós os sentidos ficam necessariamente fora das coisas, dos acontecimentos e fora do presente. A nossa primeira forma de ver tem sido aquilo que está no passado. A consequência,

---

<sup>31</sup> BERG, op. cit. p. 63.

conforme o autor, é um regresso infinito. Pois qualquer passado já foi presente e, então, por sua vez, recebia o seu sentido de outro passado mais longínquo. Ele expõe:<sup>33</sup> “Nesta estrada dos regressos infinitos é que mandamos a criança andar. Passaria a criança pelo período de ‘eternas perguntas’ se nós mesmos não a conduzíssemos pelo caminho de uma causalidade que não tem fim?”

Berg responde que somos nós que a guiamos nessa regressão interminável. A criança logo começa acreditar só no passado, não há sentido no presente e menos ainda no futuro.

De acordo ainda com esse autor, a Idade Média e até a Antigüidade conheciam o conceito da continuidade com o seu oposto, a descontinuidade; acontece que essa última não era rejeitada por causa da validade exclusiva da primeira. Julgava-se absolutamente possível e real a descontinuidade, isto é, o intransitivo, o salto, o não conexo e, conseqüentemente, o ocasional ou espontâneo. Berg expõe:<sup>34</sup>

Como podemos ainda estranhar, se o jovem não sabe o quer ser? Durante anos fazemos com que olhe exclusivamente para o passado e tornamos-lhe o futuro quase totalmente inacessível, e depois queremos que o jovem saiba o que quer ser? O jovem não o sabe. Recebemos o que merecemos.

O autor nos lembra que a criança tudo sabe (em princípio) a respeito das transformações químicas nas folhas de outono, da rotação da Terra em torno do Sol; ela entrega-se rapidamente nessas correntes de idéias que pertencem ao mundo adulto e causal mas ao mesmo tempo ocultou-se-lhe a idéia de que o presente demonstra sentidos das coisas. Ele questiona:<sup>35</sup> “Como podemos querer que o presente lhe outorgue as diretrizes para o futuro se o presente pode tomar apenas um só aspecto, uma só fisionomia: a fisionomia do passado mais recente?”

---

<sup>32</sup> BERG, op. cit., p. 67.

<sup>33</sup> Ibid., p. 68.

<sup>34</sup> Ibid., p. 69.

<sup>35</sup> Ibid., loc. cit.

Para Rousseau:<sup>36</sup> “O que a criança deve saber, é que ela é fraca e que tu és forte; em seguida, que em consequência dessa diferença, ela está sob a sua autoridade: eis o que a criança deve saber, aprender, sentir”.

Segundo Berg essa passagem de Rosseau não é considerada “pedagógica” por ninguém, entretanto agimos igualmente de modo pouco pedagógico, quando derramamos no ouvido da criança que nos pergunta por que as folhas outonais são vermelhas, uma resposta tirada das perguntas naturais. Berg<sup>37</sup> nos alerta que, de maneira mais forte que Rosseau, ensinamos à criança que ela é fraca e que nós, que sabemos, somos fortes e a fazemos sentir que está sob nossa autoridade (a autoridade do conhecimento) e a conduzimos à consciência de que seu estado é infantil, inferior.

Quando é transposto para as ciências humanas o método de conhecimento das ciências naturais, a capacidade inovadora do homem fica omitida e ele reduzido a mero resultado de contingências. Segundo Critelli:<sup>38</sup>

O futuro encobre-se enquanto por-*vir* e passa ser o produto acabado, “cronologicamente futuro”, de um modelo elaborado agora. Somente este futuro, este *vir-a-ser*, é passível de ser compreendido e vivido pela modernidade. Este modo moderno de habitar e zelar pelo mundo “fabrica” o seu *vir a ser*, porque é esta a única maneira dele poder se certificar, assegurar e controlar a si mesmo e ao mundo habitado.

Por exemplo, Keli descobriu que seu futuro era único, estava em aberto e mesmo que, seu futuro marido agisse de forma semelhante a seu pai, ela não era igual a mãe, tinha uma história diferente da dela, tinha uma crítica em relação a ela ter tido mais filhos e continuado com ele. Seu futuro não estava determinado.

A fenomenologia heideggeriana busca suspender essa primazia do passado como determinante de dado fenômeno humano. Há nesse caminho uma “guinada” de compreensão do homem. Ele sai da posição de resultado de causas passadas,

---

<sup>36</sup> ROSSEAU apud BERG, op. cit. p. 22.

<sup>37</sup> Ibid., p.23.

<sup>38</sup> CRITELLI, Dulce. *Educação e dominação Cultural: tentativa de reflexão ontológica*. São Paulo: Cortez, 1981, p. 78

em que qualquer homem no mesmo lugar reagiria da mesma forma, para uma posição de implicado, responsável e respondente dos apelos do futuro. Essa pequena mudança revisa todo um método de conhecimento do homem.

Esta pesquisa busca escutar o que o fenômeno que, por ser único, é novo, tem a dizer. Busca com o jovem que procura os Plantões Psicoeducativos, o pensamento que possa 'parir' o novo, o poder das possibilidades e não o poder do 'tubo de fogo', para que o jovem não se distancie do próprio chamado, ficando à mercê da massificação que, como já foi colocado, pode disfarçar o apelo da escolha própria e tornar a vida, segundo Spanoudis, um automatismo tedioso, ou como colocou Arendt, uma vida de sonâmbulo sem vida e que pode "gerar mais devastação do que todos os maus instintos juntos talvez inerentes ao homem".<sup>39</sup>

Partimos, então, para o capítulo seguinte que tratará mais especificamente desse pensar comprometido com o próprio.

---

<sup>39</sup> ARENDT, H. op. cit., *Eischmam em Jerusalém. Um relato sobre a banalidade do mal*, p.311.

## **Capítulo 4**

### **O PENSAR QUE DESPERTA O HOMEM PARA SUA CONDIÇÃO DE INICIADOR**

“Uma vida sem pensamento é totalmente possível, mas ela fracassa em fazer desabrochar a sua própria essência – ela não é apenas sem sentido; ela não é totalmente viva. Homens que não pensam são como sonâmbulos.”<sup>40</sup>

Partindo da ação humana chegar-se-á na discussão sobre esse pensamento. A ação humana possui, segundo Arendt, duas características: sua imprevisibilidade e sua irreversibilidade. A imprevisibilidade é decorrência do fato de a história ser realizada por pessoas singulares. Nunca houve nem haverá na história da humanidade duas pessoas iguais. Por não estarmos só mergulhados em um automatismo determinista e podermos iniciar um novo caminho para os acontecimentos, não é possível controlar quais ações do(s) outro(s) a ação de determinada pode provocar.

A segunda característica da ação humana é a irreversibilidade. Depois de realizada, a ação não pode mais ser desfeita. Conforme Critelli:<sup>41</sup> “Mesmo que não haja testemunha para um ato humano, quem o cometeu é sua maior testemunha. E é melhor estar em desacordo com o mundo inteiro do que consigo mesmo, posto que a maior companhia do homem é ele mesmo.” Voltaremos a falar desse desacordo logo a diante.

O homem tem duas saídas para essas características da ação humana. Para a imprevisibilidade, o caminho possível é a promessa: os acordos, os comprometimentos, a aposta em um futuro. Para a irreversibilidade, a saída é o perdão, não aquela atitude caridosa de des-culpar (tirar a culpa), mascarando a gravidade do fato ou desconsiderando a autoria do ocorrido, com a justificativa determinista de que qualquer um agiria da mesma forma em tais circunstâncias. Este não é o perdão. O perdão é aquele que convoca o autor para sua condição humana de iniciador e confia, aposta, assim como na promessa em um novo futuro.

---

<sup>40</sup> ARENDT, H. *A vida do espírito: o pensar, o querer, o julgar*. 5. ed. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002, p. 143.

Responder, por exemplo, se Jonathan era ou não culpado não parecia ser o suficiente. Sua saída não parecia estar naquilo que já havia ocorrido, não só na culpa pelo que já foi, que não há mais o que fazer, mas também nas mortes que ainda poderiam vir e, com estas, com certeza, ele ainda poderia fazer alguma coisa.

Para que ações comprometidas possam acontecer, para que o homem possa deixar-se ser esse apostador no futuro, é preciso que pense, que descubra suas implicações.

Não se fala aqui do pensar, colocado anteriormente por Tuiavíi, como o tubo de fogo. O pensar, ao qual Arendt refere-se não é o mesmo pensar da cognição, por meio da qual o ser humano produz um conhecimento. A tentativa da cognição é produzir conhecimentos cada vez mais corretos acerca do que aparece. Já o pensamento referido não busca uma verdade ou tem como um fim a aplicabilidade, seu destino é o significado.

Esse pensar trazido pela autora que busca significados; não é apenas trazer presentes grandes “conceitos”, mas refletir sobre eles. O ato de pensar tem a capacidade de descongelar o pensamento congelado:<sup>42</sup>

Fluindo na direção da morte, a vida do homem arrastaria consigo, inevitavelmente, todas as coisas humanas para a sua ruína e destruição, se não fosse a faculdade humana de interrompê-las e iniciar algo novo, faculdade inerente a ação como perene advertência de que os homens, embora devam morrer, não nascem para morrer, mas para começar algo novo.

“Mas como eu faço?”, a procura de Jonathan por um fazer foi antecedida de um pensar sobre o que havia acontecido com *ele* e o que *ele* poderia “ver” nisso, o que *ele* poderia fazer com isso. Era uma descoberta (original). O pensar que apontava um caminho estava vinculado com o que era significativo para Jonathan e suas possibilidades do futuro.

---

<sup>41</sup> CRITELLI, D. In: Curso de Pós Graduação em Filosofia da PUC SP, 2005.

<sup>42</sup> ARENDT, H. op. cit., *A vida do espírito: o pensar, o querer, o julgar*. p.129.

Esse ato de descongelar<sup>43</sup> a compreensão que se tem do mundo, colocando em questão conceitos, valores, doutrinas, constituídos pelo senso comum, não produz outras verdades gerais que, a partir de então, serão utilizadas ou aprimoradas infinitamente. De acordo com a autora:<sup>44</sup>

(...) pensar e estar completamente vivo são a mesma coisa, e isto implica que o pensamento tem sempre que começar de novo; é uma atividade que acompanha a vida e tem a ver com os conceitos como justiça, felicidade e virtude, que nos são oferecidos pela própria linguagem, expressando o significado de tudo que acontece na vida e nos ocorre enquanto estamos vivos.

Assim, o pensar rompe com a experiência automática, mecânica da vida. Ao se colocar em questão compreensões do senso comum, coloca-se em questão também os fazeres que estão atrelados a eles.

A vida passa a não ser mais vivida como uma linha contínua. Há outra forma de se localizar em relação ao tempo, que não é mais mergulhada no automatismo do cotidiano. O homem pensante se insere nessa linha do tempo, se interpõe entre o passado e o futuro. Sendo capaz de perceber que a história aponta para o que foi, mas que não é mais, e o futuro aponta para o que ainda não é. Conforme Heidegger:<sup>45</sup> “O pensamento é “längagement” pela e para a Verdade do Ser, cuja história nunca passou e sim sempre está por vir”.

Segundo Arendt:<sup>46</sup>

Nessa lacuna entre o passado e o futuro, encontramos o nosso lugar no tempo quando pensamos, isto é, quando estamos distantes o suficiente do passado e do futuro. Estamos aí em posição de descobrir o seu significado, de assumir o lugar de ‘árbitro’ das múltiplas e incessantes ocupações da existência humana no mundo, do juiz que nunca encontra uma solução definitiva para esses enigmas, mas respostas sempre novas à pergunta que está realmente em questão.

---

<sup>43</sup> Entenda-se descongelar como abrir a compreensão para que novos significados possam aparecer.

<sup>44</sup> ARENDT, op. cit. *A vida do espírito: o pensar, o querer, o julgar*. p.134.

<sup>45</sup> HEIDEGGER, M. *Sobre o Humanismo*. 2. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995, p. 26.

<sup>46</sup> ARENDT, op. cit. *A vida do espírito: o pensar, o querer, o julgar*, p.158.

A tentativa dessa compreensão aparece na conversa com Jonathan: “me parece que o que te perturba é a culpa pelo que já foi, que não há mais o que fazer e a culpa das mortes que ainda possam vir, mas com essas você ainda pode fazer alguma coisa. E talvez esse acontecimento, além de te fazer mal, possa te servir”.

É importante lembrar que, segundo Arendt, a

reflexão, apesar de ser uma condição humana, não é uma atividade executada por todas as pessoas, embora todas tenham condições para isso.

Arendt lembra que a atividade do pensar, diferente da ação, só é possível de ser feita quando se está a sós consigo mesmo e que estar só é diferente de estar na solidão. O pensamento é um diálogo consigo mesmo. Dessa forma, uma das condições para ocorrer o pensamento não é a solidão, mas sim que a pessoa seja capaz de se fazer companhia nessa atividade do pensamento conversando consigo mesma, tornando-se “dois-em-um”. A busca por esse pensamento percorre todo encontro de Plantão, por exemplo: “Então, quem sabe...esse sofrimento (depois do assassinato) possa ter vindo para servir, para te acordar, para te obrigar a parar e ver o que você quer para você”.

As palavras não só servem para comunicar aos outros o que foi pensado. É através delas que o pensamento ocorre. O pensamento não é descoberto no isolamento. Algumas relações que as pessoas estabelecem umas com as outras solicitam para a atividade de pensar. Quando essa solicitação é atendida, abre-se a possibilidade não só de perceber o mundo através do senso comum, mas compreendê-lo também de uma forma autêntica, singular, dando outro sentido a ele e podendo assim iniciar algo novo.

O pensamento não é mais entendido como “subjetivo”. Sem dúvida, sem ser pensado pelo homem, o Ser<sup>47</sup> nunca se manifestaria; ele depende do homem que

---

<sup>47</sup> A a palavra Ser, com letra maiúscula, neste texto, não refere-se a substantivo, mas ao verbo *sendo*. Já que os significados de um fenômeno são sempre maior que o conhecimento que se possa ter dele, são provisórios e inumeráveis. Para Critelli (1981, p. 14): “A ocidentalidade moderna tentou prender o ‘ser’ (...) confundindo-o com o ‘este’ sendo do ente, esquecendo-se que o ‘ser’ é a possibilidade em aberto, sempre.”

lhe oferece uma morada, como expõe Heidegger:<sup>48</sup> “a Linguagem (...) é a casa da Verdade do Ser”. Porém o que o homem pensa não surge da sua própria espontaneidade ou criatividade; é a resposta obediente ao chamado do Ser. Trata-se de um “pensamento que se deixa requisitar pelo Ser a fim de proferir-lhe a Verdade”.<sup>49</sup>

O homem é parte essencial para que o Ser dos entes possa se manifestar. Boss<sup>50</sup> resume: “O Dasein é o pastor do ser”.

O da-sein é ser-com, é ser-no-mundo, não há existência sem significados; estes acontecem na relação com os entes do e no mundo. Rilke<sup>51</sup> exemplifica: “Querida minha, minhas mãos já não se sentem mãos quando se tocam uma a outra: buscam realizar seu misterioso destino de ser mãos só nas tuas, tuas queridas mãos”.

O fenômeno nunca é apenas coisa (coisa-em-si), mas a coisa vista por determinada pessoa e por essa razão a partir de certa perspectiva. Por exemplo: mãos, para um artesão, não é o mesmo que mãos para um jogador de futebol. Isso não significa que o fenômeno estudado seja um reflexo da subjetividade humana, mas que é apreendido pelo homem dentro de certas possibilidades. Ao mesmo tempo em que o fenômeno se revela, também se oculta. A realidade é sempre maior que o conhecimento que se pode ter dela. Essa limitação do conhecimento não se dá por uma subjetividade do pesquisador que deturpa o objeto em si e que deve ser eliminada.

Critelli<sup>52</sup> afirma: “O ser está no manifesto, nos entes, mas estes entes são apreendidos como entes ou coisas no mundo e não como coisas em si. Só assim o ser se torna acessível: não pertence à coisa como seu próprio atributo, mas a uma trama de relações significativas que a precede e sustenta”.

---

<sup>48</sup> HEIDEGGER. op. cit., *Sobre o Humanismo*. p. 33.

<sup>49</sup> Ibid., p. 25.

<sup>50</sup> BOSS, Medard. *Angústia, culpa e libertação*. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1997, “s.p.”.

<sup>51</sup> RILKE, Rainer M. *Cartas a um jovem poeta*. 10. ed. Rio de Janeiro: Globo, 1989, “s.p.”.

<sup>52</sup> CRITELLI, op. cit., *Analítica do Sentido: uma aproximação e interpretação do Real de Orientação Fenomenológica*, “s.p.”.

Eliade<sup>53</sup> escreve:

(...) o mundo não é mudo nem opaco (...) O agricultor austro-asiático que designa com o mesmo vocábulo, lak, o falo e a enxada e, como tantos outros cultivadores, assimila os grãos ao sêmen virile, sabe muito bem que a enxada é um instrumento que ele fabricou para si e que, ao trabalhar em seu campo, efectua um trabalho agrícola e técnico.

O homem não é só o destino do Ser dos entes, como também é o seu destinatário. Como mencionado anteriormente, o Dasein é pastor de Ser. Ele pode se posicionar deixando que o fenômeno se mostre, ou ele pode recusar o ser-vir de clareira para o Ser dos entes.

Arendt,<sup>54</sup> escreve sobre o pensar autêntico segundo Heidegger:

(...) a reinterpretação da “reviravolta” do pensamento de Heidegger, contida de forma resumida na Brief über den Humanismus, centra-se na noção de que **pensar**, a saber, **“dizer a palavra não dita do Ser”, é o autêntico fazer (Tun) do homem**; é aí que a “História do Ser” (Seinsgeschichte), que transcende todos os atos meramente humanos e é superior a eles, se passa na verdade. Este pensar é recordação posto que ouve a voz do Ser nas expressões dos grandes filósofos do passado; mas o passado vem a ele da direção oposta, de modo que a “descida” (Abstieg) ao passado coincida com a “expectativa paciente e pensativa pela chegada do futuro, o avenant”. (grifo nosso)

Pompéia<sup>55</sup> parece concordar com o exposto anteriormente, quando escreve sobre receptividade no tempo da maturidade. Para ajudar nessa compreensão, o autor recorre a autores como Nietzsche, Heidegger, Merdad Boss, Drummond, M. Perosa, Thomas S. Eliot. Diz ele:

Nos poetas e pensadores, foram encontradas palavras como: dedicação, entrega, paciência, incerteza, falta, fragilidade, renúncia. Não estamos pensando a maturidade como um momento de desistência. A compreensão madura de mundo simplesmente leva em

<sup>53</sup> ELIADE, op. cit., p. 136.

<sup>54</sup> ARENDT, op. cit., *A vida do espírito: o pensar, o querer, o julgar*. p. 317.

<sup>55</sup> POMPÉIA, J. O tempo da maturidade. *Revista da Associação Brasileira de Daseinsanalyse*. São Paulo, n. 9, 2000, p. 101.

consideração critérios que podem ser diferentes daqueles que nos são impingidos culturalmente como associados ao sucesso. E então, onde ficam a competição, o ganhar ou perder, a luta enfim.

Segundo Pompéia, sair do exercício do controle, do poder, não implica submissão, abandono da existência. Não se trata de passividade, mas de receptividade. Acompanhar uma situação participando dela, ele diz, é diferente de submissão ou alienação. O autor conclui que a maturidade é a abertura para uma dimensão do tempo enquanto oportunidade, tempo propício para alguma coisa, ocasião.

A receptividade referida aproxima-se do que Arendt<sup>56</sup> escreve sobre o pensamento na compreensão heideggeriana:

(...) a alternativa à natureza dominadora da tecnologia é “deixar ser, e o deixar-ser como atividade é o pensamento que obedece ao chamado do Ser”. A disposição que permeia o deixar ser do pensamento é o oposto da disposição de finalidade no querer; mais tarde em sua reinterpretação da “reviravolta”, Heidegger a chama de “Gelassenheit”, uma serenidade que corresponde ao deixar ser e que “nos prepara para um pensamento que não é uma vontade”. Este pensamento está além da distinção entre atividade e passividade porque está além do “domínio da Vontade”, isto é, além da categoria da causalidade.

A essência da realidade, é ser e deixar de ser, é aparecer e ocultar-se. O homem é movimento, projeto, é fundado na possibilidade, na imensidão do nada. O homem é sonho e memória, é um construtor do seu abrigo, precisa fazer a si mesmo na convivência. Dasein,<sup>57</sup> no seu modo de ser próprio, acolhe sendo receptivo e não

---

<sup>56</sup> ARENDT, op. cit., *A vida do espírito: o pensar, o querer, o julgar*. p. 320.

<sup>57</sup> Heidegger cria uma nova terminologia para homem: Da-sein, Ser-aí, para marcar a diferença com o conhecimento metafísico que subjetiva o homem. A condição do da-sein é a de estar sempre lançado, é a sua impermanência. Está sempre morrendo e renascendo. Não possui uma essência nem a priori, nem a ser alcançada, ele se faz existindo, não pára no tempo. Da-sein está sempre no intervalo de seu passado, que não é mais e do seu futuro, que ainda não é. O da-sein é um projeto. Esse termo refere-se a movimento, não mais a uma substância.

Critelli (2004), aproxima-se desta compreensão, ao escrever:

“[...] Faz parte da condição humana, sermos indivíduos exclusivos e essa exclusividade recebida com meu nascimento, não foi dada de mão beijada. Nem veio pronta nem tinha um manual. Ela se parece com aquelas massinhas de modelar que, quando a gente ganha, ganha só a massa,

passivo o factual que vem a seu encontro do futuro e recolhe o que está no passado de-novo, para que o já sido coexista com o que está sendo pelo por vir. O recolhido tem o poder de fecundar novos significados. Assim, o homem tem a potência de totalizar, reunir, fazer história. O juntar do homem é destinação do ser.

#### 4.1 O fazer história

A historicidade própria não refere-se à história, comumente entendida como uma sequência de fatos ou vivências datadas que determinam os acontecimentos do presente ou do futuro. A historicidade, conforme Heidegger, explicita o “contexto da vida” ante a provocação do que ainda não é e poderá vir a ser, ante o imediato presente e, ao mesmo tempo, ante o retorno ao vivido.

Nessa concepção, história significa um conjunto de acontecimentos e influências que atravessam passado, presente e futuro, onde o passado não tem primazia.

Essa compreensão é fundamental para o trabalho dos Plantões Psicoeducativos. O que os fatos significam não é possível ser dito senão depois de uma investigação fenomenológica. *A priori*, o fato é uma pergunta, é um mistério. Trata-se então de um espaço facilitador do pensamento que pretende descongelar conceitos, para pensar os acontecimentos de forma autêntica, singular, percebendo novos sentidos neles.

Quando pergunto para J., por que, para que ele quer sair do crime, ele me responde: “Eu fico vendo o tempo todo o rosto do cara morto...”Ele sair do crime faria o rapaz ressuscitar? Não. Onde residia seu perdão, a chance de se livrar dos

---

não a forma, e o resultado é sempre o fruto de um longo processo de faz e desfaz. Levei muito tempo para entender que minha exclusividade não está simplesmente em mim, na minha cor de olhos ou nos meus talentos mais especiais. **Ela está sempre lançada adiante de mim como um desafio, como um destino a que tenho que chegar, como uma história que tem de ser vivida.** [...] Quem eu sou e deverei ser? Minha individualidade é um mistério”. (grifo nosso)

O ser humano se constitui na relação com o mundo constantemente, é portanto um horizonte de possibilidades. Ele nasce em determinado lugar, época, condição social, material, em um corpo, enfim, tem uma origem que não escolheu e que o constitui. Mas além dessa facticidade, o homem é este ser projetado para o futuro, para o mundo de possibilidades e mutações, para este vir-a-ser.

medos, dos pesadelos, do terror que sucedeu aquele assassinato? Ele ainda poderia fazer algo diante do fato consumado? Sim! Ele poderia fazer que essa morte não fosse em vão. Apostar em um novo futuro para si. Aí parecia residir seu perdão.

Depois de um encontro no qual Jonathan re-colhe de novo seu passado, ele olha para o que já foi visto muitas vezes e recolhe novos significados: “é engraçado, tem coisas que estão sempre aqui e a gente nunca vê, olha que bonita essa árvore, nunca tinha reparado nela”.

Essa busca não se dá a partir de uma subjetividade, como já foi dito. Não se trata de dar sentidos às experiências vividas, mas buscar uma afinação com o mundo, um estado de abertura para escutar o Ser dos entes. São eles que nos dizem algo (e não nós que pintamos o mundo a nosso bel-prazer) e somos nós que temos a potência de “dizer a palavra não dita do Ser” como escreveu Heidegger. Quando o homem escuta um *para que* de dado fenômeno ter acontecido justamente com ele, é possível des-cobrir (tirar a coberta) sentidos nesse acontecimento, sentidos tanto como fios de ligação com o mundo como de orientação. É possível, ao homem, sair do lugar de vítima, para se colocar no lugar de destinatário dos fenômenos que lhe acontecem, ou seja, fazer história. E a experiência do certo deixa de ser baseada em normas preestabelecidas, para basear-se em uma experiência de certificação, aval. Aproximando Critelli:<sup>58</sup> “Não se trata de um juízo atribuído forçosamente ao real”, e conforme Heidegger,<sup>59</sup> “O des-velamento é a própria clareira onde se dá a “possibilidade de acordo entre presença e apreensão”.

Descobrir suas possibilidades é também descobrir seus limites, é ver aquilo que lhe é possível. Por exemplo, Keli precisava revisitar seu passado para ver que ela não podia fazer diferente do que fez, com seus 8 anos, e que não dependia dela seu pai mudar ou sua mãe se separar e que sua história é única e que seu futuro lhe competia. Ela podia avaliar o modo de encaminhar sua história, se valeria a pena matar ou não seu pai, sair de casa ou não, continuar atenta com seus irmãos ou não, pensar no que era possível para seu futuro.

Cada autor mencionado, à sua maneira, aponta para um conhecimento a partir da parceria entre o homem e as coisas de seu mundo; para o potencial

---

<sup>58</sup> CRITELLI, op. cit., *Educação e dominação Cultural: tentativa de reflexão ontológica*, p. 30.

humano de escutar e acolher os fenômenos que lhe são dados. Por sua vez, os fenômenos precisam dessa receptividade, dessa disposição humana para que possam se revelar.

O *dasein*, sempre está em falta consigo mesmo, pois nunca se encontra acabado. Como já colocado, ele se encontra sempre no trânsito do que não é mais (está sempre morrendo) e do que ainda não é (está sempre chamado a ser “de-novo”).

Eliade<sup>60</sup> aproxima-se dessa idéia ao escrever que toda a existência humana se constitui por uma série de provas, pela experiência reiterada da “morte” e da “ressurreição”: “A existência é fundada pela iniciação; quase poderia dizer-se que, na medida em que ela se realiza, a existência humana é ela própria uma iniciação”.

Ele cita exemplos<sup>61</sup> contemporâneos em que é possível perceber essa condição e nos lembra que esse processo aparece tanto no cristianismo, no qual, por exemplo, São Paulo engendrava filhos espirituais pela fé, pelo mistério de Cristo, quanto nos ritos das sociedades arcaicas onde se “matava” e “ressuscitava” o neófito ou no budismo no qual o conhecimento revelado pelo dhamma fazia que o discípulo nascesse para uma vida nova ou em Sócrates que pretendia nada mais que fazer o trabalho de uma parteira: ajudava a “parir” o homem verdadeiro que cada um trazia no mais profundo de si próprio.

Segundo Critelli<sup>62</sup> “Aquele que se encontra podendo ser autenticamente, e assim reconhece sua inautenticidade e dominação, seu vir-a-ser lhe é entregue”, e conforme Heidegger,<sup>63</sup> “à responsabilidade da possibilidade de encontrar-se de novo em suas possibilidades”.

Essa responsabilidade em descobrir-se a partir da con-vocação do mundo, em autenticar a própria história é o tema do subcapítulo a seguir.

---

<sup>59</sup> HEIDEGGER apud Ibid., p. 31.

<sup>60</sup> ELIADE, op. cit., *O sagrado e o profano: A essência das religiões*, p. 215.

<sup>61</sup> Ibid., p. 208.

<sup>62</sup> CRITELLI, op. cit., *Educação e dominação Cultural: tentativa de reflexão ontológica*. p. 50.

<sup>63</sup> HEIDEGGER apud Ibid., loc. cit.

## 4. 2 Responsabilidade

O *vir-a-ser* do homem no mundo o convoca à tarefa de cuidar do Ser, da existência tanto dele mesmo como do mundo. Não há como dá-la a outra pessoa. Sua existência lhe pertence; é de sua responsabilidade. Não se trata aqui da responsabilidade como qualidade moral, mas da responsabilidade, como exposto, anteriormente, da possibilidade de encontrar-se de novo em suas possibilidades.

Critelli<sup>64</sup> afirma: “Mesmo a negação radical de ter que ser cuidando de ser, como o suicídio, é uma forma ou um modo do homem estar respondendo ao ser que lhe é entregue”. Não há como escapar, o que cada um fará com sua vida, mesmo que seja acabar com ela ou entregá-la para outra pessoa conduzir (como nos casos posteriormente expostos, de Eichmam e do Grande Inquisidor) são formas de responder à vida que lhe é dada.

O suicídio, por exemplo por si só, não diz de que forma essa responsabilidade está sendo assumida. Um suicida pode estar se matando *em nome de* uma causa à qual se sinta implicado ou justamente pela falta de capacidade de se comprometer, ligar, “escutar” pontos de sentido no mundo.

Conforme Critelli:<sup>65</sup>

Os modos próprio e impróprio — a condição da autenticidade e inautenticidade — dos quais alguém se afasta (ou se aproxima), não podem ser absolutamente definidos, à priori, pela simples razão de não se constituírem como “coisas em si mesmas” (...) não podem ser definidos e categorizados.

Assim a tarefa educacional não se limita à luta contra algo, mesmo sendo esse algo suicídio, assassinato ou qualquer ato de violência, mas sim contra a falta de sentido e de apropriação de atos humanos (que sem dúvida são solo fértil para

---

<sup>64</sup> CRITELLI, op. cit., *Analítica do Sentido: uma aproximação e Interpretação do Real de Orientação Fenomenológica*. p. 49.

<sup>65</sup> CRITELLI, op. cit. *Educação e dominação Cultural: tentativa de reflexão ontológica*. p. 45.

tantos atos de violência). Guardemos isto para a discussão posterior sobre uma responsabilidade da educação e mais especificamente da educação de jovens.

O homem é con-vocado para deixar desabrochar aquilo que o fenômeno pode dizer a ele. O mundo solicita o homem para seu poder ser clareira dos entes, “dizer a palavra não dita do ser”<sup>66</sup>.

Este ser-aí, o humano aberto e indeterminado está con-vocado ou solicitado à tarefa de cuidar de sua história e de avalizá-la. Como ser que sempre está em falta consigo mesmo, pois nunca se encontra acabado, ele se encontra, como já mencionado, sempre no trânsito do que não é mais e do que ainda não é.

Gaos<sup>67</sup> nos esclarece: “*La deuda existenciaría es: ser el fundamento de un ser determinado por un ‘no’ o ser el fundamento de un ‘no ser’... ser-ahí es, como tal, deudor*”. De acordo com o autor, deixar-se provocar a projetar-se sobre o poder da falta existencial equivale não a eleger a consciência, a vocação, que como tal não pode ser eleita, mas sim ter consciência, compreender a vocação propriamente. Segundo ele: “*Esto es, como ser en franquia para ser el más peculiar ser deudor, para ser si mismo. Y solo siendo esto, puede el ‘ser-ahí ser ‘responsable’*”.

O da-sein é convocado para a responsabilidade de ser si mesmo, para o julgamento de sua existência.

O da-sein, como já exposto, é movimento, está sempre nesse intervalo da facticidade do que chega ao seu encontro (os dados ou acontecimentos) e da projeção que é lançado. Conforme Critelli:<sup>68</sup>

(...) Quando penso que o meu ‘eu’ está aberto, o que sinto mesmo é um grande alívio. Se eu tivesse nascido pronta, não teria conserto. E se não houvesse remédio para os meus erros e uma chance para os meus fracassos? E se eu não pudesse mudar de ponto de vista, de gosto, de planos, de opinião? E se eu não tivesse escolhas nem alternativas?

<sup>66</sup> ver nota 57 de rodapé, p. 58.

<sup>67</sup> GAOS, J. *Introducción a el ser y el tiempo de Martin Heidegger*. 3. ed. México: Fondo de Cultura Económica, 1996, p. 71.

<sup>68</sup> CRITELLI, D. Justo a mim me coube ser eu. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 22 jul. 2004. (Caderno Equilíbrio).

Como vimos, este *vir-a-ser* do homem no mundo o convoca à tarefa de cuidar do ser, da existência tanto dele mesmo como do mundo. Não há como dá-la a outra pessoa. Sua existência lhe pertence; é de sua responsabilidade.

Elucidar-se-á a seguir exemplos sobre a (im)possibilidade humana de responsabilizar-se sobre si e o mundo inseparavelmente.

#### 4.2.1 Um caso ilustrativo

Arendt, ao escrever sobre o julgamento de Eichmann, demonstra a que ponto pode chegar a incapacidade humana de refletir sobre seus atos, de responder de forma autêntica à responsabilidade que lhe é dada e de fugir a clichês e as conseqüências de tais atitudes. Ela conta:<sup>69</sup>

Eichmann é levado a Jerusalém, para o que deveria ser o maior julgamento de um carrasco nazista depois do tribunal de Nuremberg. Mas o curso do processo produz um efeito discrepante: no lugar do monstro impertinente por que todos esperavam, vê-se um funcionário mediano, um arrivista medíocre, incapaz de refletir sobre seus atos ou de fugir aos clichês burocráticos.

Arendt assistiu ao julgamento de Eichmann como correspondente da revista *The New York* e discutiu questões como culpa e responsabilidade individual, a partir da situação bizarra que se configurou nesse caso: o Estado judeu, que estava com um unânime apoio e determinado a capturar e condenar carrascos como Adolf Eichmann, mostrou-se perdido diante da defesa do réu. Essa dizia tratar-se de um funcionário obediente, que para o sistema legal nazista então existente, não fizera nada de errado e cumpriu bem seu dever. Eichmann disse só ficar com a consciência pesada quando não fazia aquilo que lhe ordenavam, como embarcar milhões de homens, mulheres e crianças para a morte, com grande aplicação e o

---

<sup>69</sup> ARENDT, op. cit., *Eichmann em Jerusalém. Um relato sobre a banalidade do mal*, contra-capá.

mais meticuloso cuidado. Segundo Arendt:<sup>70</sup> “Apenas durante a Solução Final, em menos de dois meses, 147 trens, levando 434.351 pessoas em vagões de carga lacrados, cem pessoas por vagão, deixaram o país, e as câmeras de gás de Auschwitz mal conseguiram dar conta dessa multidão”.

Durante o julgamento, seis psiquiatras atestaram a normalidade de Eichmann, declarando não se tratar de um caso de insanidade moral, muito menos legal. Pior ainda, como coloca Arendt, seu caso não era de um ódio insano aos judeus, de um fanático anti-semitismo ou de doutrinação de um ou outro tipo: “Pessoalmente ele não tinha nada contra os judeus”;<sup>71</sup> “Jamais abrigara no peito nenhum mau sentimento por suas vítimas”.<sup>72</sup> Os juízes preferiram considerá-lo mentiroso a admitir que uma pessoa mediana, “normal”, nem burra, nem doutrinada, nem cínica, pudesse ser inteiramente incapaz de distinguir o certo do errado.

Arendt<sup>73</sup> conta que, segundo seu depoimento, Eichmann não entrou para o Partido Nacional Socialista por convicção nem jamais se deixou convencer por ele: “Aconteceu muito depressa e repentinamente. Ele não tinha tempo, e muito menos, vontade de se informar adequadamente, jamais conheceu o programa do Partido”. Perguntaram a ele: “ ‘Por que não se filia à ss?’ E ele respondeu: ‘Por que não?’ Foi assim que aconteceu, e isso parecia ser tudo”.

A autora relata que de uma vida rotineira e desprestigiada, fracassada aos olhos de sua classe social, de sua família e, portanto, aos seus olhos também ele tinha, ao entrar para ss, a chance de recomeçar uma carreira, com prestígio, liderança, diretivas e comando: “Ele preferiria, se alguém perguntasse, ser enforcado como Obrsturmbannführer a. D. (da reserva) do que viver a vida discreta e normal de vendedor viajante da Companhia de Óleo a Vácuo<sup>74</sup>” (seu emprego antes de entrar para o Partido).

Além da vaidade, Arendt<sup>75</sup> conta que o outro elemento pessoal indubitavelmente envolvido não era o fanatismo, mas sua “(...) genuína, ilimitada e

---

<sup>70</sup> Ibid., p.158.

<sup>71</sup> Ibid., p. 37.

<sup>72</sup> Ibid., p. 42.

<sup>73</sup> Ibid., p. 45.

<sup>74</sup> Ibid., p. 45.

<sup>75</sup> Ibid., p. 166.

imoderada admiração por Hitler”. Quando Hitler já estava morto, “(...) a lei local já não existia mais e ele, conforme disse, não estava mais preso ao seu juramento. Pois o juramento feito pelos membros da SS era diferente do juramento militar dos soldados, na medida em que os ligava a Hitler e não à Alemanha”. Não se tratava de defender uma nação ou uma causa, mas de ter alguém a quem obedecer cegamente.

O próprio advogado dele declarou que a personalidade de seu cliente era a de um “carteiro comum”.<sup>76</sup>

Eichmann era capaz de mandar milhões de pessoas para a morte, mas não por gostar de violência ou ser anti-semitista ou mesmo convicto da sua causa, segundo a autora:<sup>77</sup> “(...) ele simplesmente nunca percebeu o que estava fazendo. Ele não era burro. Foi pura irreflexão — algo de maneira nenhuma idêntico a burrice — que o predispôs a se tornar um dos grandes criminosos desta época”.

Arendt escreve que essa situação é “banal” e até engraçada, se nem com a maior boa vontade do mundo se pode extrair de Eichmann, qualquer profundidade diabólica ou demoníaca, apenas clichês, distância da realidade e desapego. O que, como já exposto, segundo ela “podem gerar mais devastação do que todos os maus instintos juntos — talvez inerentes ao homem”<sup>78</sup>

Arendt alerta para o fato de que, se o acusado se desculpa com base no fato de ter agido não como homem, mas como mero funcionário cujas funções podiam ter sido facilmente realizadas por outrem, isso equivale a um criminoso que apontasse para as estatísticas do crime — que determinou que tantos crimes por dia fossem cometidos por tal e tal lugar — e declarasse que só fez o que era estatisticamente esperado, que foi um mero acidente ele ter feito o que fez e não outra pessoa, uma vez que, no fim das contas, alguém tinha de fazer aquilo.

A autora afirma:<sup>79</sup>

---

<sup>76</sup> Ibid., p. 162.

<sup>77</sup> Ibid., p. 310.

<sup>78</sup> Ibid., p. 311.

<sup>79</sup> Ibid., p. 313.

Transformar homens em funcionários e meras engrenagens, assim os desumanizando (...) É verdade que a psicologia e sociologia modernas, sem falar da burocracia moderna, nos acostumaram demais a explicar a responsabilidade do agente sobre seu ato em termos deste ou daquele determinismo.

A condição humana de vir-a-ser, de abertura e possibilidade, de iniciar algo novo é aniquilada na tese usada por Eichmann, de ter feito só o estatisticamente esperado. E serve de alerta para as ciências humanas que herdaram a metodologia científica de conhecimento, restringindo o homem a mero resultado de determinantes.

O embaraço que o discurso da defesa provocou nos “homens de justiça”, denunciou quanto o homem atual está perdido e esquecido do que o diferencia de uma máquina programada ou de um animal condicionado. Conforme Arendt:<sup>80</sup>

O que exigimos nestes julgamentos, em que os réus cometeram crimes “legais” é que os seres humanos sejam capazes de diferenciar o certo do errado mesmo quando tudo o que têm para guiá-los seja apenas seu próprio juízo, que, além do mais, pode estar inteiramente em conflito com o que eles devem considerar como opinião unânime de todos a sua volta. O que veio à luz não foi nem nihilismo, nem cinismo, como se poderia esperar, mas uma confusão bastante extraordinária sobre questões elementares de moralidade.

A autora salienta que os clichês, pronunciados sem nenhum risco, “explicam” tudo obscurecendo todos os detalhes e tornam supérfluo o juízo. Ela escreve que a relutância em examinar muito de perto a conduta de grupos ou pessoas evidencia em toda parte a relutância em julgar nos termos da responsabilidade individual.

Arendt usa esse julgamento para dar o alerta: a que ponto o homem pode desumanizar-se, ao se eximir da responsabilidade de seus atos. Traz com esse caso a reflexão dos perigos de uma existência aprisionada no modo de ser da impropriedade.

---

<sup>80</sup> Ibid., p. 318.

Conforme Critelli, a inautenticidade resume-se pela falta da palavra própria e pela presença plenamente dispersa e perdida de si no mundo e nos outros. Segundo Heidegger:<sup>81</sup> “A impropriedade está muito longe de referir-se a um ‘já não ser no mundo’, mas constitui-se justamente como um circunscrito ser no mundo, um ser no mundo plenamente possuído pelo mundo, e o ser-aí com dissolvido no ‘agente’”.

O homem encontra-se na transição permanente, no mundo da impropriedade, e no mundo da propriedade. É, estando no mundo do impróprio, que é “arrancado” para suas peculiares faltas e pode partir para as descobertas de suas possibilidades próprias. Voltaremos a este tema logo após o relato dos próximos exemplos.

Dostoiévski, no conto *O grande inquisidor*,<sup>82</sup> escreve provocativamente também sobre a responsabilidade e liberdade humanas.

Conforme o personagem inquisidor,<sup>83</sup> nada é mais intolerável e ameaçador ao homem que sua liberdade e que a eterna inquietação da humanidade é diante de quem se inclinar:

Não há para o homem que ficou livre cuidado mais constante e mais doloroso do que o de procurar um ser diante do qual se incline. Mas não quer inclinar-se senão diante de uma força incontestada, que todos os seres humanos respeitam por um sentimento universal. Não há anseio mais doloroso para o homem que o de encontrar o mais cedo possível um ser a quem entregue este dom da liberdade que o desgraçado traz ao nascer.

O personagem inquisidor condena Jesus por recusar-se a realizar milagres:

Não ignoravas, não podias ignorar este segredo fundamental da natureza humana e, contudo, repeliste a única bandeira infalível que Te ofereciam e que teria curvado, sem contestação, todos os homens diante de Ti (...) <sup>84</sup>

Mas, que aconteceu? Em lugar de Te apoderares da liberdade humana, foste alargá-la ainda mais! Esqueceste que o homem prefere a paz, e até a morte, à liberdade de discernir o Bem e o Mal? (...)

<sup>81</sup> HEIDEGGER apud CRITELLI. op. cit., *Educação e dominação Cultural: tentativa de reflexão ontológica*. p. 48.

<sup>82</sup> DOSTOIEVSKI, Fiodor. *O grande inquisidor*. Virtual Books, 2001. Disponível em: <virtualbooks.terra.com.br/freebook/traduzidos/o\_grande\_inquisidor.htm>. Acesso em: 20 out. 2005

<sup>83</sup> Ibid., p. 09.

<sup>84</sup> Ibid., loc. cit.

Aumentaste a liberdade humana em lugar de a confiscares e impuseste assim, para sempre, ao ser moral as agonias dessa liberdade (...) deixado em tão angustiada incerteza, com tantos cuidados e tantos problemas insolúveis.<sup>85</sup>

Não o fizeste, porque não querias escravizar de novo o homem com um milagre; desejavas uma fé que fosse livre e não inspirada pelo maravilhoso. Era-Te necessário um livre amor, não os transportes dum escravo aterrado. Ainda aí fazias uma idéia elevada dos homens, porque são escravos (...)<sup>86</sup>

Corrigimos a Tua obra fundando-a sobre o milagre, o mistério, a autoridade. E os homens alegraram-se, porque eram de novo levados como um rebanho e ficavam livres da diva funesta que tais tormentos lhes causava.<sup>87</sup>

O Grande Inquisidor acusa Jesus de não ter estimado menos os homens, impondo-lhes fardo mais leve, mais de acordo com o amor do Senhor, realizando tudo o que os homens procuram na Terra: um senhor diante de quem se inclinem, um guarda da consciência e o meio de finalmente se unirem em concórdia em um formigueiro comum.

Havemos de provar-lhes que são débeis, que são umas lamentáveis crianças, mas que a felicidade infantil é a mais deliciosa. Tornar-se-ão tímidos, não nos perderão de vista e apertar-se-ão a nós, cheios de medo, como a ninhada que se abriga sob a asa da mãe (...) fracas de mais para usarem da sua liberdade.<sup>88</sup>

Hão-de submeter-nos os segredos mais dolorosos da sua consciência; resolver-lhes-emos todos os casos e hão-de aceitar a nossa decisão com alegria, porque lhes poupará o grave cuidado de escolherem por si próprios, livremente.<sup>89</sup>

A postura que o personagem Inquisidor espera dos homens é a mesma de Eichmann diante de Hitler.

#### 4.2.2 Outro caso ilustrativo

---

<sup>85</sup> DOSTOIEVSKI, op. cit., p. 10.

<sup>86</sup> Ibid., p. 11.

<sup>87</sup> Ibid., p. 12.

<sup>88</sup> Ibid., p. 13.

<sup>89</sup> Ibid., p. 14.

Saint-Exupéry<sup>90</sup>, ao escrever sobre Guillaumet, relata uma possibilidade humana, não vista nos dois exemplos antes trazidos.

O autor propõe corrigir a imagem infiel de seu amigo Guillaumet, apresentada em uma narrativa que leu da mais bela das aventuras do mesmo. Nesta narrativa, conta Saint-Exupéry, a coragem de Guillaumet aproxima-se das piadas colegiais ante os mais sérios perigos ou na hora da morte, mas seu amigo não ridiculariza seus adversários, aceita-os, mede-os antes de enfrentá-los.

Guillaumet sofreu um desastre de avião e caiu nos Andes durante o inverno. Segundo o autor,<sup>91</sup> parecia que cem esquadilhas, navegando cem anos, não acabariam de explorar aquele enorme maciço cujos picos se erguiam até sete mil metros:

Havíamos perdido toda a esperança. Os próprios bandidos que lá em baixo fazem um crime por cinco francos recusavam-se a se aventurar nos contrafortes das montanhas. ‘Arriscaríamos nossas vidas’ — diziam eles — ‘Os Andes no inverno não devolvem os homens’. Os oficiais chilenos também nos aconselharam a suspender as buscas. ‘Esse companheiro de vocês, se sobreviveu à queda, não sobreviveu à noite. A noite lá em cima quando passa pelo homem transforma-o em gelo’. E quando eu novamente me infiltrava entre os muros e os pilares gigantescos dos Andes já sentia que não estava mais procurando você: velava o seu corpo, em silêncio, numa catedral de neve.

O autor conta<sup>92</sup> que, depois de sete dias, Guillaumet reapareceu e choraram todos e esmagaram o ressuscitado nos abraços, vivo, autor de seu próprio milagre. “Foi então que você exprimiu, na sua primeira frase inteligível, um admirável orgulho da espécie: **‘O que eu fiz, palavra que nenhum bicho, só um homem era capaz de fazer’**”. (grifo nosso)

Guillaumet conta que, durante o acidente, era o céu inteiro que parecia vir abaixo. E que o homem sente-se então envolvido em uma espécie de acidente cósmico, onde não há mais refúgio. O autor escreve as falas do amigo:<sup>93</sup>

---

<sup>90</sup> SAINT-EXUPÉRY A. de *Terra dos homens*. São Paulo: Nova Fronteira, 2001.

<sup>91</sup> Ibid., p. 54.

<sup>92</sup> Ibid., p. 55.

<sup>93</sup> Ibid., p. 56.

Eu quase tinha me despedaçado em um canto de montanha, mas ainda não desesperara (...) Naquela situação larguei o comando e agarrei-me à cadeira para não ser lançado fora. (...) voava quase às cegas no espesso turbilhão de neve e não podia descer sem me chocar contra uma das montanhas. (...) Comecei a fazer voltas sobre a lagoa, a trinta metros de altura, até a pane de gasolina. Depois de duas horas de manobra desci e capotei (...) a tempestade me lançou ao solo e cavei um abrigo na neve. Naquele buraco cerquei-me de sacos postais e durante quarenta horas esperei. Depois disso quando a tempestade amainou, comecei a andar. Andei cinco dias e quatro noites.

A descrição da vivência de Guillaumet, faz-se importante, para a discussão presente sobre comprometimento e responsabilidade.

O autor conta ter encontrado Guillaumet recurvo como se fosse uma velha, seu corpo uma carcaça, sua cara escura, tumefacta como uma fruta quase podre que houvesse recebido pauladas, as mãos dormentes e quando, para respirar, sentava na cama, os pés gelados pendiam como dois pesos mortos. E, mesmo com remédio sobre remédio, nos conta o autor, seu amigo não conseguia alojar o corpo no sono e recomeçava vinte vezes o combate com as imagens inimigas, que ressuscitavam das cinzas. Conforme o autor:<sup>94</sup>

Eu o via, ao longo de sua narrativa noturna, andando sem um bastão, sem víveres, escalando gargantas de 4.500 metros ou progredindo ao longo de paredes verticais, sangrando os pés, os joelhos, as mãos, sob quarenta graus de frio (...) O frio o petrificava de segundo a segundo. Se quisesse gozar, depois de um tombo, um minuto de repouso a mais, quando tentasse se erguer só encontraria músculos mortos.

Era preciso resistir às tentações: 'Na neve — dizia-me você — a gente perde todo o instinto de conservação. Depois de dois, três, quatro dias de marcha tudo o que se deseja é o sono. Eu o desejava. Mas ao mesmo tempo pensava: Minha mulher se ela crê que estou vivo ela crê que estou andando. Os companheiros crêem que estou andando. Serei um covarde se não continuar andando'. E andava.

---

<sup>94</sup> Ibid., p. 59.

Guillaumet confidenciou a Saint-Exupéry que, do segundo dia em diante, seu trabalho maior foi tentar não pensar. Sofria demais, sua situação era desesperada demais. Para ter coragem precisava não pensar nisso. Contou que desgraçadamente controlava mal o cérebro: ele trabalhava como uma turbina. Mas ainda podia escolher suas imagens. Fazia-o pensar em um livro, em um filme. E o filme e o livro desfilavam dentro dele depressa: voltava à realidade da situação presente. Irremediavelmente. Então jogava ao seu cérebro outras recordações para que ele fosse se entretendo. Mas que em determinado momento pensou: “Fiz o que pude e não tenho mais esperanças; por que me obstinar no martírio?”<sup>95</sup>

Saint-Exupéry escreve<sup>96</sup> que bastava Guillaumet fechar os olhos para fazer a paz no mundo. Para retirar do mundo os rochedos, o gelo, a neve. Logo que as pálpebras milagrosas se fechassem, já não haveria mais os murros, nem os tombos, nem os músculos doloridos, nem o gelo ardente, nem esse peso da vida quando a marcha de um homem é feito a marcha de um boi:

A consciência pouco a pouco abandonava aquela pobre besta esgotada pelas dores que já começava a participar da indiferença do mármore. Nossos apelos não o atingiam mais, ou melhor, chegavam transformados em apelos de sonho. Com que facilidade você andava agora em um mundo cheio de ternura!

Guillaumet narra: “Pensei na mulher. Minha apólice de seguro de vida lhe evitaria a miséria. Sim, mas o seguro... No caso de desaparecimento a morte legal só é declarada depois de quatro anos”.<sup>97</sup> Saint-Exupéry conta que esse detalhe apareceu nítido ao amigo, apagando todas as outras imagens e que seu corpo estava estendido ali, o ventre para baixo em um forte declive, na neve. Quando viesse o verão ele rolaria, com a lama, para um dos mil precipícios dos Andes, mas um rochedo emergia da neve cinqüenta metros à sua frente: “Aí eu pensei: se me levantar poderei chegar até lá. Se escorar bem o meu corpo na pedra ele será descoberto quando vier o verão...”

---

<sup>95</sup> SAINT-EXUPÉRY, op. cit., p. 61.

<sup>96</sup> Ibid., loc. cit.

<sup>97</sup> Ibid., p. 62.

Uma vez de pé, andou duas noites e três dias. Mas não pensava em ir muito longe:

Muitos sinais me anunciavam o fim. Era obrigado a parar de duas em duas horas para abrir um pouco mais minhas botinas, esfregar neve nos pés que inchavam ou simplesmente dar um pequeno descanso ao coração. Nos últimos dias comecei a perder a memória. Muito tempo depois de recomeçar a marcha é que me lembrava: havia esquecido alguma coisa. Da primeira vez foi uma luva, e isso era grave, com o frio que me gelava as mãos. Eu a havia deixado no chão, ao meu lado, e seguira caminho sem apanhá-la. Depois foi o relógio. Depois o canivete. Depois a bússola. Em cada parada eu me empobrecia.<sup>98</sup>

Saint-Exupéry<sup>99</sup> constata: “Esta frase: ‘O que eu fiz, palavra que nenhum bicho, só um homem, era capaz de fazer.’, a mais nobre que conheço, esta frase que situa o homem, que o honra, que restaura as hierarquias verdadeiras, me voltava à memória”.

Enquanto o amigo dormia, o autor escreve o que pensava:

Se alguém falar a Guillaumet de sua coragem ele dará de ombros. Mas seria traí-lo também falar de sua modéstia. Ele está muito além desta qualidade medíocre. Se dá de ombros é por sabedoria. Sabe que uma vez no centro do perigo os homens não se horrorizam mais. Só o desconhecido espanta os homens. Mas para quem o enfrenta ele cessa de ser o desconhecido. Sobretudo se é olhado com esta gravidade lúcida. A coragem de Guillaumet é, antes de tudo, um efeito de sua probidade. Sua verdadeira qualidade não é essa. **Sua grandeza é a de sentir-se responsável.** Responsável por si, pelo seu avião, pelos companheiros que o esperam. Ele tem nas mãos a tristeza ou alegria destes companheiros. Responsável pelo que se constrói de novo, lá, entre os vivos, construção de que ele deve participar. Responsável um pouco pelo destino dos homens, na medida de seu trabalho.

Ser homem é precisamente ser responsável. É experimentar uma miséria que não parece depender de si. É ter orgulho de uma vitória dos companheiros. É sentir, colocando a sua pedra, que contribui para construir o mundo.

Querem confundir homens assim com os toureiros e jogadores. Gaba-se o seu desprezo da morte. Mas eu dou bem pequena importância

---

<sup>98</sup> Ibid., p. 62.

<sup>99</sup> Ibid., p. 63.

ao desprezo da morte. Se ele não tem suas raízes em uma responsabilidade aceita é apenas sinal de pobreza ou excesso de mocidade. Conheci um suicida moço. Não sei mais que desgosto amoroso o levou a colocar uma bala no coração. Mas minha impressão diante deste fato não era de nobreza, mas de miséria. Ali atrás daquele rosto amável, sob aquele crânio de homem, não havia existido nada. Apenas a imagem de alguma tola mocinha igual às outras.<sup>100</sup> (grifo nosso)

O autor compara a história de Guillaumet com a de um jardineiro, que, estando perto da morte, lamentava 'quem é que vai cuidar das minhas árvores?' Para Saint-Exupéry, ele estava ligado pelo amor a todas as árvores da terra.

O que há entre o que escreve Arendt sobre desumanização e o que fala Guillaumet sobre só um homem ser capaz de fazer o que ele fez?

Se Eichmann tinha justificativas para matar milhares de pessoas, Guillaumet tinha muito mais para morrer. O responder de forma autêntica, implicada, comprometido com o mundo, à responsabilidade de avaliar seus atos eis aí uma diferença entre o homem e os animais e entre Guillaumet e Eichmann.

Voltamos novamente à colocação de Arendt de que os clichês, a distância da realidade e o desapego, visto em Eichmann, podem gerar mais devastação que todos os maus instintos juntos talvez inerentes ao homem.

Essa responsabilidade, referida no caso de Guillaumet, não é valorativa como aponta Saint-Exupéry ao indignar-se com o texto que elogiava o amigo. Essa responsabilidade refere-se ao estar ligado, ao comprometimento com o mundo, à proximidade, característica do modo autêntico, próprio de ser do homem.

Segundo Heidegger:<sup>101</sup>

Trata-se de compreender de uma vez por todas, que, ao caracterizar algo como um 'valor', se lhe rouba a dignidade. O que quer dizer: ao se avaliar uma coisa como valor, só se admite o que assim se valorizar, como objeto de uma avaliação do homem. Ora, o que uma coisa é, em seu ser, não se esgota em sua objetividade e

---

<sup>100</sup> Ibid., p. 64.

<sup>101</sup> HEIDEGGER, op. cit., *Sobre o Humanismo*, p. 78.

principalmente quando a objetividade possui o caráter de valor. Toda valorização, mesmo quando valoriza positivamente, é uma subjetivação. Pois ela não deixa o ente ser, mas deixa apenas que o ente valha, como objeto de sua atividade.

A esse respeito, lembro-me da história de um fazendeiro que, ao ver uma freira, cuidando de leprosos, diz: “Senhora, eu não faria isso por dinheiro nenhum”, (acrescento elogio nenhum) e ela responde: “Nem eu, meu filho, nem eu”.

### 4.3 O mundo próprio e o impróprio

O dasein é movimento, é o lançamento entre o passado, que não é mais e o futuro, que ainda não é, e transita, entre o espaço da propriedade, de sua autenticidade, exclusividade e o da impropriedade, do “a gente”, do ser como os outros, do pertencimento, que abriga e ‘dissolve’.

O ser autêntico é realizado nas e a partir das relações com o mundo, ou seja, no espaço da impropriedade, da coletividade. Um exemplo é a fala de Keli: “Minhas amigas falam que minha mãe tinha que estar mais do meu lado e eu também acho”. Não importa, nesse caso, a concordância ou discordância com as amigas, mas a opinião própria a partir de uma opinião alheia. Nesse sentido, foram feitas as intervenções com Jonathan: “‘E se você perguntasse para o cara que saiu, o que ele acha’. Ele responde: ‘É uma boa’. E Jonathan o procurou: ‘Eu fui lá falar com o cara que saiu e ele falou que ninguém tem que mandar na minha idéia’. Aí questionei como foi quando ele saiu e ele falou (...)”. Foi mais fácil pensar em uma possibilidade futura sua, a partir de uma experiência do outro. “(...) Pergunto como ele saiu de lá. Ele diz: ‘Sei lá, to mais leve, to conseguindo dormir’. Falo: ‘Fico feliz por você’. ‘Obrigado, valeu, foi nossa conversa’”.

A autenticidade não é vivida na interioridade, não é subjetiva, é concreta. Portanto, esta não é uma escolha descolada do mundo, é feita a partir dele e nele vai se concretizar ao longo do tempo. A vocação convoca o da-sein para a

responsabilidade, de responder ao chamado pessoal e para a ‘construção’ de sua existência, como já mencionado.

Critelli<sup>102</sup> aproxima-nos da compreensão da propriedade quando expõe que o mistério que envolve o problema de ser quem somos é autenticar nossa biografia. Avalizá-la. Ela escreve: “(...) Minha exclusividade — eu mesma — virá quando eu puder afirmar que a história que eu vim realizando **só** eu — e ninguém mais — poderia tê-la vivido”. (grifo nosso). Keli menciona um orgulho de ter agido à sua maneira: “Às vezes eu escuto alguma história dessas e já vem tudo na cabeça. Aí eu me orgulho de não ter perdido a cabeça, de ter ficado até que bem”.

Segundo Gaos,<sup>103</sup> o ser-aí é ser-no-mundo no modo da propriedade e no da impropriedade. Na impropriedade, o Dasein se refugia da condição de não ser, de indigência, de abertura. O modo da impropriedade é caracterizado pela caída na cotidianidade, constituída pelo falatório, avidez de novidade e ambigüidade.<sup>104</sup>

O falatório, visto em Eichmann, resume-se em um modo de ser, onde o Dasein simula compreender tudo, protegendo-se do perigo de compreender autenticamente, encobre os entes e fecha a condição de ser-no-mundo, desligando-se do dever de compreender encontrando-se com o mundo — que só é possível com o falatório, partindo dele contra ele. Nesse falar ‘desimplicadamente’, o Dasein fala de tudo e de nada ao mesmo tempo é um mero transmitir e repetir o que alguém disse. Os dizeres são de todos e de ninguém em particular, o que fecha o caminho para o desenvolver das possibilidades próprias.

Enquanto no mundo da impropriedade o Dasein se mantém na familiaridade com os outros entes, no momento da angústia (condição para busca de singularidade) o mundo se torna inóspito e a disposição do Dasein é de estranheza, desabrigo e profunda solidão.

---

<sup>102</sup> CRITELLI, op. cit., Justo a mim me coube ser eu, *Folha de S. Paulo*.

<sup>103</sup> GAOS, op. cit., p. 52.

<sup>104</sup> A avidez de novidades caracteriza-se por um não se demorar na experiência, por uma dissipação em possibilidades sempre novas e pela conseqüente falta de paradeiro. O ser-em é em toda parte e em nenhuma. O falatório, que simula compreender tudo e a avidez por novidades, que dissipa o ser-aí, dão ao dasein uma falsa garantia de uma vida de verdadeira vitalidade e torna ao Dasein impossível distinguir o que é visto e compreendido autenticamente e o que não é. Esta ambigüidade acaba com a efetiva realização das possibilidades do dasein.

Gaos diferencia angústia de temor. Escreve que, em ambos, assim também como na cotidianidade, o Dasein está em uma fuga perante algo. O que atemoriza é sempre um ente intra-mundano e ameaçador, é temor e fuga de algo. Já o que angustia é completamente indeterminado, não é nada determinado, e está aí, chega a tirar a respiração, mas não está em nenhuma parte. O que angustia não é nenhum ente intra mundano. Na angústia, todo procurar, toda conformidade, todo ente intra mundano perde toda significação. Segundo o autor,<sup>105</sup> o que angustia é como “podem” ser os entes intramundanos, é a condição de possibilidade de todo ente intra mundano, é o futuro indeterminado. “Por lo que uno se angustia es por si mismo”.

Conforme o autor, aquilo do que o ser-aí foge na impropriedade e do que se angustia (na angústia existencial) é exatamente o mesmo nos dois casos: poder ser si mesmo propriamente. Mas a experiência da angústia e da impropriedade são muito diferentes, são opostas. O angustioso não é em nenhuma parte, não encontra hospitalidade em sítio algum. A impropriedade fecha o que a angústia abre, o poder ser-no-mundo si mesmo, que implica projeção.

Na angústia existencial os entes se emudecem ou o homem se ensurdece para tudo. Já no temor trata-se da ameaça, do medo de algo e da vontade de controlar este algo.

Critelli<sup>106</sup> explica que a angústia ontológica ocorre quando “(...) esvaindo-se o sentido que ser fazia para nós, sobramos nós mesmos.” Ocorre quando o dasein experimenta o mundo não como uma rede de significações permanentes e fixas e assim se vê diante de si e de suas possibilidades.

Sua vida é percebida aberta no vazio do futuro, do ainda não e para a tarefa de realizá-la como uma história autêntica é preciso a disposição para escutar o que convoca o Dasein, suas implicações e, assim, sua orientação.

Critelli<sup>107</sup> escreve:

---

<sup>105</sup> GAOS, op. cit., p. 58.

<sup>106</sup> CRITELLI, op. cit., *Analítica do Sentido: uma aproximação e Interpretação do Real de Orientação Fenomenológico*, p.18.

<sup>107</sup> Id., op. cit., Justo a mim me coube ser eu, *Folha de S. Paulo*.

(...) Mas também vejo um lado sombrio em ser um projeto aberto: o de nunca ter certeza, sobretudo de antemão, de ter tomado a atitude certa, de ter feito a escolha mais apropriada — aquela em que não me traio. Quando percebo que um gesto qualquer vai afetar o meu destino, sinto medo, angústia, suor frio, tenho vertigens, adoeço. Aí a tentação de pegar carona na escolha dos outros ou no estilo de vida deles é grande, mas minha alma grita que não vai dar certo e me lembra que o meu molde foi quebrado, que é exclusivo.

Jonathan descobriu, em seu terror, sentido para o seu futuro, em seu desassossego, um descompasso para ser assassino, escutou o medo de perder a mãe, o medo de perder o amor dela e a vontade de não ser como o marido da prima. Seu futuro também dependia dele.

Já Keli conta que o que fez sentido para ela de nossa primeira conversa foi: “Eu me lembro de você falar que eu sou meiga e também do que a gente falou se eu fizesse uma besteira... Quando eu cheguei em casa naquele dia eu não fiz besteira porque comecei a pensar nas coisas que a gente tinha conversado, se eu fosse presa...”. Seu futuro também dependia dela.

Que relação tem o momento da adolescência com este, em que o homem se vê diante de si e de suas possibilidades? Este é o tema do capítulo seguinte.

## Capítulo 5

### **PARTICULARIDADES DO TRABALHO COM ADOLESCENTES**

O que há de particular no momento da adolescência para despertar esse pensar que recoloca o homem no seu lugar de iniciador, que busca a descoberta e o desenvolvimento das possibilidades próprias?

Para a discussão dessa pergunta começemos lembrando-nos dos ritos de passagem na adolescência descritos por Eliade, em que há sempre a descrição de uma fase da vida que morre dando espaço para uma nova nascer.

Segundo Eliade:<sup>108</sup>

A cerimônia começa em todo o lado com a separação do neófito da sua família e um retiro na selva. Já há ali um símbolo da morte: a floresta, a selva, as trevas simbolizam o além, os “infernos”. Ali o neófito é engolido por um monstro: no ventre do monstro reina a Noite cósmica; é o mundo embrionário da existência (...). Em inúmeras regiões, existe na selva uma cabana iniciática, simbolizando o ventre maternal.

Eliade conta que nos simbolismo da morte iniciática, entre certos povos, os candidatos são enterrados ou deitados em túmulos cavados de fresco ou são cobertos de ramagens e permanecem imóveis como mortos ou esfregam-os com um pó branco a fim de os fazerem assemelharem-se aos espectros.

De acordo com o autor, as torturas correspondem à situação daquele que é comido pelo demônio. Além das mutilações (o arrancar de dentes, a amputação de dedos etc.), das operações específicas (circuncisão e a subincisão), outros sinais exteriores, como tatuagens e escarificações, marcam a morte e a ressurreição.

Eliade descreve o rito de passagem da infância à juventude como sempre, uma iniciação, uma mudança radical de estatuto social. Ele escreve:<sup>109</sup> “São

---

<sup>108</sup> ELIADE, op. cit., p. 197.

imagens de ponte e de porta estreita que sugerem a idéia de passagem perigosa e que, por esta razão, abundam nos rituais e nas mitologias iniciáticas”.

Segundo Eliade,<sup>110</sup> o simbolismo da renascença apresenta-se sob múltiplas formas. Os candidatos recebem outros nomes, que serão daí para o futuro seus verdadeiros nomes. Geralmente aprendem na selva uma língua nova. “Na iniciação, tudo recomeça de novo”. Nos povos bantu, na cerimônia conhecida pela designação de ‘nascer de novo’, o pai sacrifica um carneiro; três dias depois envolve a criança na membrana do estômago e na pele do animal. Mas, antes de ser envolvida, a criança deve ir para a cama e chorar feito recém-nascido. Fica na pele do carneiro por três dias. Nesse mesmo povo os mortos são enterrados em posição embrionária na pele dos carneiros.

Eliade escreve que, penetrar no ventre do monstro — ou ser simbolicamente enterrado ou fechado na cabana iniciática — equivale a uma regressão ao indistinto primordial, à noite cósmica. Sair do ventre ou das cabanas tenebrosas ou da tumba iniciática, equivale a uma cosmogonia. A morte iniciática reitera o retorno exemplar ao Caos, para tornar possível o novo nascimento. Segundo ele:<sup>111</sup>

A morte chega a ser considerada como a suprema iniciação, como o começo de uma nova vida espiritual ‘Os três momentos do esquema iniciático (sofrimento, morte e ressurreição) se reencontram em todos ritos de puberdade do homem arcaico (...). Mais ainda, foram considerados três momentos de um mesmo mistério e todo o esforço espiritual do homem arcaico foi empregado em mostrar que não devem existir corte entre estes três momentos. Não se pode parar em um desses três momentos . **O movimento, a regeneração continua sempre.** (grifo nosso)

A possibilidade de “ressurreição” aparece nos diálogos com Jonathan: “Você parece melhor mesmo do que quando entrou aqui semana passada, quando parecia ter uns 1000kg em cima de você, agora pode ser até um tipo de renascimento, né?” Ele, sem dúvida muito satisfeito, responde: ‘É’”. E, aparece também, no encontro com Keli: “Talvez seja a hora de você virar uma página da sua história, o livro

<sup>109</sup> Ibid., p. 189.

<sup>110</sup> Ibid., p. 198.

<sup>111</sup> Ibid., p. 203.

continua sendo o mesmo, sua vida. Agora numa nova etapa: você se afastar, para não morar mais com seu pai, para ficar bem, talvez isto inclusive seja o melhor jeito de você ajudar ela também”.

Por que esses simbolismos de reclusão, isolamento, sofrimento, inferno, Caos, morte, ressurreição, vir-a-ser, que mostram a condição regeneradora, condição de movimento, de impermanência, de morte e de ressurreição do homem predominam de forma tão forte nos ritos de adolescência?

Podemos aproximar a simbologia de Caos com a experiência da angústia existencial, de rompimento com o mundo, de desorientação, da mais radical solidão.

Nos ritos descritos por Eliade a passagem do mundo da criança para o mundo adulto se dá na vivência mais radical da condição de ser mortal, de morrer e renascer. O homem não possui uma essência nem *a priori*, nem a ser alcançada, ele se faz existindo, não pára no tempo.

Junqueira<sup>112</sup> explicita que na maioria dos grupos indígenas, os ritos de iniciação ou puberdade também impõem aos jovens um período de reclusão, no qual se sujeitam a numerosos tipos de restrição. Esse período realça a transição que sofrem: “sem serem crianças não são adultos, até que passem pelos rituais previstos. Estão em trânsito e, como tais, na expectativa de vir-a-ser”.

Tanto a criança, quanto o jovem, o adulto, o idoso, são este ser aberto, este *ser-aí*, já exposto nesta pesquisa. Não se trata de uma característica da adolescência, mas de uma condição humana.

A percepção da história como singular e as implicações e convocações dessa percepção parece instalarem-se no momento da adolescência.

Critelli<sup>113</sup> simplifica:

---

<sup>112</sup> JUNQUEIRA apud ABRAMOVICH (Org.). *Ritos de Passagem da nossa infância e adolescência: antologia*. São Paulo: Summus, 1985, p. 179.

<sup>113</sup> CRITELLI, op. cit., Justo a mim me coube ser eu. *Folha de S. Paulo*.

[...] Toda vez que minha avó me dizia que o molde em que fui feita fora quebrado quando nasci, eu achava que ela estava me elogiando. Acreditava que somente eu era única no mundo. Aos poucos fui percebendo meu engano...Quem eu sou e deverei ser? Minha individualidade é um mistério.

Não se tratava de um elogio, mas de uma condição de vida. Essa percepção que, aos poucos, vai acontecendo parece justamente falar da transição da infância para a vida adulta: da adolescência, de um modo de se perceber e de ser tocada pelo mundo que sofre transformação.

Buscou-se despertar Jonathan e Keli para essa condição: “(...) Bom Jonathan, pelo o que a gente conversou me parece que, por enquanto, você tem três opções, pense com qual delas você vai ficar (...) Mas isso é o que eu quero para mim; agora você realmente está na hora de decidir o que quer para sua vida, ela é só sua’. Silêncio. Responde, parecendo decidido: ‘Eu quero sair do crime!’ E Jonathan parece ter despertado quando mostra uma mudança em seu ânimo, ao dar esta resposta”; Já com Keli: “Vamos deixar de lado se ele merece ou não [nesse caso o senso comum poderia abrigar qualquer uma das duas hipóteses: estuprador merece morrer e pai não se mata], vamos pensar em você. Viver na cadeia é uma coisa que é ‘muuuuito’ difícil, você quer isso para o seu futuro, consegue se imaginar lá? (...) Meiga como você parece ser, você acha que o fato de tê-lo matado viraria um ‘fantasma’ na sua vida?”

Perosa<sup>114</sup> diz que há um momento na vida de uma pessoa em que já não é possível viver desconhecida de si mesmo. Após a descoberta da existência da sua vida como intrinsecamente própria, não há mais possibilidade de viver ‘esquecida de si’. Sua existência agora lhe pertence e, diferente de até então, é de sua total responsabilidade.

O jovem precisa saber de si, de sua sexualidade, suas aptidões, seus valores. Seu próprio corpo é testemunha da sua condição humana de mudança de morte de um estado para outro nascer. O futuro o con-voca (com – junto; voca – chama). O futuro o chama para uma parceria.

---

<sup>114</sup> PEROSA, M. *Descobrimdo a si mesmo*. São Paulo: Moderna, 1995, p. 32.

Ainda Perosa escreve que o adolescente busca saber de si através do pertencimento como na infância. E busca essa identificação com os outros através da paixão, da admiração de ídolos, do pertencimento a um grupo de amigos, etc. Mas, por mais que procure a si mesmo no outro, o jovem jamais haverá de sentir novamente o pertencimento infantil. Sempre sobrar um pouquinho de si mesmo que o outro não abrange, é o saber sem volta da falta. Conforme o autor:<sup>115</sup> “O advento da adolescência é sem volta”.

Já Cytrynowicz. lembra que o bebezinho mostra, *na hora*, o que tem ou o que quer. Não há considerações intermediárias:<sup>116</sup>

Se estiver doente, ou com fome chora até que a dor ou a fome passe. Isto é tanto verdadeiro que se chegou a formular a teoria do princípio do prazer: as crianças seguem o princípio do prazer. E o que é tal princípio? O princípio do prazer quer dizer: *é pra já!* O bebê cresce, vai para a escola, não consegue fazer uma lição e o ‘mundo cai sobre a cabeça’: “eu nunca vou conseguir!”

Segundo a autora, nas experiências das crianças, prevalece sobre qualquer aspecto passado ou futuro, sempre o tempo imediato. Ela resume:<sup>117</sup> “O futuro parece ser tão menor quanto for a criança”.

Bachelard<sup>118</sup> parece se aproximar dessa compreensão do imediatismo quando se refere ao tempo da infância como um “*tempo de horas sem relógio que ainda está em nós*”.

Boss<sup>119</sup> escreve:

Todavia, por mais amparado que tenha sido o lactente, a criança brevemente terá que experimentar a angústia, ora em menor ora em maior medida. Mesmo uma criança de três ou quatro anos pode

---

<sup>115</sup> Ibid., loc. cit.

<sup>116</sup> CYTRNOWICZ, B. O Tempo da infância. *Revista da Associação Brasileira de Daseinsanalyse*. São Paulo, n. 9, 2000, p. 69.

<sup>117</sup> Ibid., p. 70

<sup>118</sup> BACHELARD apud MACHADO, M. *Cacos de Infância: teatro da solidão compartilhada*. São Paulo: Fapesp/Annabkume, 2004. p. 37.

<sup>119</sup> BOSS, op. cit., p. 27.

acordar sobressaltada noite após noite, em virtude de, nos seus sonhos, ver repetidamente aproximar-se a mesma bola gigantesca e escura. Este acontecimento onírico corresponde à aproximação turbulenta de todo seu futuro humano. No entanto, na sua fragilidade infantil, ela ainda não sente capacidade para aceitá-lo e suportá-lo. Por isso, sonhando, ela teme sua carga como a uma monstruosidade esmagadora. Nos pesadelos infantis com animais ferozes, assaltantes ou incêndios devastadores, que de vez em quando perturbam as noites de praticamente todas as crianças, elas temem a destruição da sua condição humana regular e conhecida, no caos de forças compreensivas, dominantes e incontroláveis de sua vitalidade natural.

O futuro, o que ainda não é e que pode ser, ou não, o mundo do possível, do incerto, do inseguro bate à porta da criança. Ela se assusta. Sua vivência do imediato, da “aderência às situações”, como escreve Merleau-Ponty<sup>120</sup> começa a ser visitada pela incerteza do futuro.

Para Machado,<sup>121</sup> o ponto de vista da criança parece absoluto. Amadurecer seria passar a ser capaz de ver o mundo em termos de ponto de vista. Conseguir olhar algo a partir de pontos de vista é sair do seu lugar, é perceber esse ponto de vista como parcial e/ou provisório (o que é para mim pode não ser para você e o que é hoje pode não ser amanhã).

A criança está, à medida que cresce, conhecendo o mundo e sua condição humana. No momento da adolescência, o futuro inacabado e incerto, e a responsabilidade do homem diante de tal condição, aparece como questão a ser compreendida. O futuro, em branco, aparece como um mistério exclusivo, pessoal, intransferível, a ser desvendado.

Crescer, segundo Cytrynowicz,<sup>122</sup> “é abrir-se para o futuro. Isto é crescer está voltado para a possibilidade do novo, do que ainda não é”.

É justamente essa condição de morrer e renascer, que abunda nos rituais da adolescência. É justo que assim seja. A condição humana como impermanente, o futuro que se abre, a história a ser escrita, que é dada intransferivelmente a cada um, e a regeneração abundam nos rituais de adolescência e falam do futuro que

---

<sup>120</sup> MERLEAU-PONTY apud MACHADO, op. cit., p. 38.

<sup>121</sup> MACHADO, op. cit., p. 38.

<sup>122</sup> CYTRYNOWICZ, op. cit., p. 72.

convida, que convoca à tarefa do responder ao que lhe é dado, do avaliar a história própria.

Se o jovem não vê o futuro como possibilidades em aberto não conseguirá se comprometer com seus atos. O futuro inicialmente curto, visto em Keli e Jonathan não é o das “horas sem relógio” da infância, mas o da total desesperança em um futuro novo, autêntico, na palavra própria. Critelli<sup>123</sup>: escreve que quem se encontra, podendo ser autenticamente, reconhece sua inautenticidade e dominação e seu vir-a-ser lhe é entregue e, conforme Heidegger,<sup>124</sup> “à responsabilidade da possibilidade de encontrar-se de novo em suas possibilidades”.

---

<sup>123</sup> CRITELLI, op. cit., *Educação e dominação Cultural: tentativa de reflexão ontológica*, p. 50.

<sup>124</sup> HEIDEGGER apud CRITELLI, *Ibid.*, loc. cit.

## **Capítulo 6**

### **UM COMPROMISSO DE PRÁTICAS EDUCATIVAS COM JOVENS**

As considerações feitas até aqui servem de subsídio para a reflexão sobre um compromisso de práticas educativas direcionadas a jovens.

Esta pesquisa acontece a partir de uma proposta de educação, os Plantões Psicoeducativos. Por que Plantão Psicoeducativo?

Segundo Critelli,<sup>125</sup> etimologicamente, o termo Educar procede do latim Educere e “(...) Educere significaria, então, conduzir alguém ou algo para fora do lugar onde se encontrava; levar para fora; conduzir ou levar alguém no seu sair fora do lugar onde estava”.

A educação é, assim, um convite para um desenvolvimento. O processo de desenvolvimento, como expõe Dichtchekian<sup>126</sup>, supõe duas dimensões simultaneamente presentes em nós: a primeira é envolvimento, que é ser de um modo (por exemplo, eu sou deste modo); a outra dimensão é desligamento, viver, experimentar, ser um novo modo de ser.

Desenvolvimento humano é aprofundamento (envolvimento) e ampliação (desligamento). Há um movimento de incorporação e transformação no desenvolvimento.

Segundo Pompéia,<sup>127</sup> a trajetória humana deve ser representada como um círculo que se amplia e não como uma reta que se alonga. Na ampliação do círculo, aquilo que está no centro não fica para trás nem para fora, permanece ali. Há uma ampliação das possibilidades e não uma exclusão sucessiva. Surgem outras formas de se relacionar com o mundo.

---

<sup>125</sup> CRITELLI, op. cit., *Educação e dominação Cultural: tentativa de reflexão ontológica*, p. 43.

<sup>126</sup> DICHTCHEKIAN, Nichan. Direito de respostas. *Boletim Clínico, Edição Especial da Clínica Ana Maria Poppovic*, São Paulo, v. 17, 2003, p. 67.

<sup>127</sup> POMPÉIA, op. cit., *O tempo da maturidade*, p. 93.

A partir do exposto, façamos uma analogia: quando nos mudamos para uma cidade totalmente nova, desconhecida, qual é o primeiro passo? Conhecê-la. Com sorte teremos “bons” moradores antigos, para nos mostrá-la, de forma que nos instiguem a ficar, participar, que nos familiarizem e apontem seus problemas devagar, para não nos afugentar. Além de apontá-los, esses ideais anfitriões, deverão mostrar-se implicados no encaminhamento dos mesmos. Aprendemos, com os moradores, que a cidade também depende de nós para ser o que está sendo. A criança, quando chega ao mundo, precisa de “boas” mãos para apresentá-lo a ela, para instalá-la nele. O jovem precisa de “boas” mãos para conduzi-lo na descoberta de sua inevitável responsabilidade diante de si e do mundo, inseparavelmente e das suas formas de atendê-la.

Conforme Arendt,<sup>128</sup> para preservar o mundo de seu desgaste, posto que feito por mãos mortais, ele deve ser, continuamente, colocado em ordem:

Nossa esperança está pendente sempre do novo que cada geração aporta; tudo destruímos se tentarmos controlar os novos de tal modo que nós, os velhos, possamos ditar sua aparência futura. Exatamente em benefício daquilo que é novo e revolucionário em cada criança é que a educação precisa ser conservadora e deve preservar esta novidade e introduzi-la como algo novo em um mundo velho, que, por mais revolucionário que possa ser em suas ações, é sempre, do ponto de vista da geração seguinte, obsoleto e rente a destruição.

Resumidamente falando, a educação parece ter uma dupla tarefa. A primeira é acolher o educando e apresentar-lhe o mundo construído até então, responsabilizando-se por ele. Arendt<sup>129</sup> escreve: “Qualquer pessoa que se recuse a assumir a responsabilidade coletiva pelo mundo não deveria ter crianças, e é preciso proibi-la de tomar parte em sua educação”. Berg aproxima-se dessa compreensão quando escreve: “Quando os adultos ficam invisíveis, a juventude fica na neblina”. A segunda tarefa é con-vocar o educando para o cuidado deste mundo que está sendo dado, transmitido, a partir de suas potencialidades e de sua presença que é única e que constitui este mundo e é constituída por ele.

---

<sup>128</sup> ARENDT, H. *Entre o passado e o futuro*. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 2003. p. 243.

<sup>129</sup> *Ibid*, loc.cit.

Segundo Arendt<sup>130</sup>:

(...) A educação é o ponto em que decidimos se amamos o mundo o bastante para assumirmos a responsabilidade por ele e, com tal gesto, salvá-lo da ruína que seria inevitável não fosse a renovação e a vinda dos novos e dos jovens. A educação é também onde decidimos se amamos nossas crianças o bastante para não expulsá-las de nosso mundo e abandoná-las a seus próprios recursos, e tão pouco arrancar de suas mãos a oportunidade de empreenderem alguma coisa nova e imprevista para nós, preparando-as em vez disso com antecedência para a tarefa de renovar um mundo comum.

Uma tarefa da educação é o empenho para o resgate da condição do homem de transitar entre o mundo impróprio e próprio. Trata-se de um esforço para que o educando não abandone sua condição de abertura, de vir-a-ser e da responsabilidade da possibilidade de encontrar-se de novo em suas possibilidades, sempre. Nossa tarefa não pode perder de vista, os Jonathans, as Kelis, os tantos assassinos, traficantes, omissos, que agem por pura irreflexão. É contra ela, a irreflexão, que a educação não pode se omitir.

A tarefa educacional, discutida nesta dissertação, não é a da luta contra o tédio, suicídio, assassinato ou qualquer ato de violência, mas sim contra a falta de sentido e de apropriação de atos humanos (que, sem dúvida, são solo fértil para tantos atos de violência).

O compromisso educacional proposto nesta pesquisa ultrapassa a tarefa, por exemplo, da Igreja de evitar crimes: "...Aí, minha prima levou o Weverton na igreja e o espírito falou que a hora dele já está marcada. Ele ficou com medo e por causa disso ele está parando com o crime também".

Nesse caso, o primo logo voltou ao crime. Já nos casos apresentados dos jovens, o pensar buscando apropriações que eles realizaram, impediu mortes e violência. Nos casos trazidos como exemplos (Guillaumet e Eichmam), também a implicação ou a falta dela, esteve respectivamente a favor e contra a vida. Não me lembro que autor escreveu que a violência começa onde acaba a palavra.

---

<sup>130</sup> ARENDT, op. cit., *Entre o passado e o futuro*. p. 247.

Contra a incapacidade da palavra própria, contra a banalidade do mal, contra uma vida de “sonâmbulos” e atos de violência por pura incapacidade de reflexão, acredito que a educação não deve deixar de empenhar seus esforços. Às práticas educativas cabe a preocupação com aquilo que faz do homem um homem: seu sentir-se responsável, destinatário daquilo que lhe é destinado.

Pensemos novamente nas palavras Plantão, plantar, semente, palavra, terra fértil, húmus, homem. Os Plantões podem ajudar o educando a enxergar sua potência, sua humanidade, seu ser húmus, terra fértil, que acolhe os acontecimentos da sua vida e tem, dentro de seus limites, a liberdade e a responsabilidade de destinar esses acontecimentos. Foi visando a humanidade, a dignidade, um empunhamento do educando diante dos fatos de sua vida que os plantões desta pesquisa se deram. Os acontecimentos de suas vidas (resultados sejam do destino, de Deus, de circunstâncias sociais, familiares, de seus próprios atos, do acaso...) foram pensados de forma a ultrapassar a vitimização em prol de uma responsabilização diante desses fatos (o que eu posso fazer com isso?).

O educador pode buscar aproximar-se do cultivador, que aduba com palavras, cuida da fertilidade da terra, para que ela, à sua maneira, fecunde as sementes que lhe são dadas. Daí, como e quando vai brotar algo, não sabemos.

Como já mencionado, algumas relações interpessoais solicitam para a atividade do pensar referido nesta pesquisa. O Plantão Psicoeducativo deve empenhar-se em ser um lugar propiciador dessas relações. Quando essa solicitação é atendida abre-se a possibilidade do homem não só perceber o mundo através do senso comum, omitindo-se ou vitimizando-se, alimentando uma vida tediosa ou que possa “gerar mais devastação do que todos os maus instintos juntos — talvez inerentes ao homem”<sup>131</sup> e assim poder agir de forma autêntica, singular, implicada, renovadora, plenamente humana.

---

<sup>131</sup> ARENDT, op. cit., *Eischmam em Jerusalém. Um relato sobre a banalidade do mal*. p. 311.

## ANEXOS

### Anexo 1 — Plantão Psicoeducativo

O Plantão Psicoeducativo resume-se por um espaço de reflexão e de orientação psicológica, particular e sigilosa. É uma atividade desenvolvida no Grupo de Pesquisa em Práticas Educativas e Atenção Psicoeducacional à Família, Escola e Comunidade (ECOFAM), coordenado pela Profa. Dra. Heloisa Szymanski (pesquisadora do grupo temático da Associação Nacional de Pesquisa em Psicologia (ANPEPP) desde 1994). Esse grupo desenvolve-se desde 1992 em uma comunidade de baixa renda, da periferia da cidade de São Paulo.

O Plantão Psicoeducativo foi implementado em 2003 em uma comunidade de baixa renda da periferia da capital paulista, no referencial fenomenológico-existencial e a partir da literatura existente e das especificidades da comunidade (carente de equipamentos públicos de saúde, educação, esporte, lazer).

Szymanski<sup>132</sup> caracterizou o plantão psicoeducativo como uma alternativa de prática psicológica, de um *locus* de escuta especializada e de acolhimento de experiências.

Conforme Morato,<sup>133</sup> o serviço de Plantão Psicológico surgiu pela primeira vez no Brasil na proposta de Aconselhamento Psicológico Centrado na Pessoa, na Universidade de São Paulo, no curso de graduação da Faculdade de Psicologia, em 1969.

A história do Aconselhamento Psicológico, segundo a autora começa na sociedade do pós-guerra, que apontava a necessidade de construção de uma nova ordem social, política e econômica. Essa urgência do pós-guerra promoveu o aparecimento de técnicas de apoio, terapias breves e práticas psicoterápicas

---

<sup>132</sup> SZYMANSKI, op. cit., p.23.

<sup>133</sup> MORATO, H. (Org.). Aconselhamento psicológico e instituição: algumas considerações sobre o serviço de aconselhamento psicológico do IPUSP. *Revista Aconselhamento Psicológico Centrado na pessoa: Novos Desafios. Casa do Psicólogo*. São Paulo, 1999, p. 101.

alternativas para cuidar da demanda imediata da sociedade que, inicialmente, direcionava-se na reintegração dos veteranos de guerra.

O Serviço de Aconselhamento Psicológico (SAP) do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (IPUSP) também tem buscado levar essa experiência do plantão a novos contextos, partindo das demandas que chegavam ao Serviço: escolas, hospitais psiquiátricos, instituições judiciárias, centro de práticas esportivas da USP, dentre outras.

Além do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, algumas universidades no Brasil, como PUCCAMP, UNIP, USU e UFMG, dentre outras, também oferecem o serviço de plantão psicológico. Porém essa prática ainda inexistente na maioria das instituições de ensino superior de nosso país.

**PLANTÃO PSICOEDUCATIVO COM  
JOVENS: CONVERSA PARTICULAR E  
SIGILOSA C/ PSICÓLOGA DA EQUIPE PUC  
TODA QUINTA DAS 14 às 17 hs  
MAIS INFORMAÇÕES COM XXX OU YYYYYY**

**Anexo 3 — Documento****TERMO DE CONSENTIMENTO DE PARTICIPAÇÃO****I - DADOS SOBRE A PESQUISA CIENTÍFICA**

TÍTULO DO PROTOCOLO DE PESQUISA: Plantão Psicoeducativo e Fenomenologia: uma experiência com jovens de uma comunidade de baixa renda de São Paulo

PESQUISADORES RESPONSÁVEIS: Prof.a. Dra. Heloisa Szymanski e Regina S. Sanchez  
CARGO/FUNÇÃO: Profa. do Programa de Estudos pós-graduados em Psicologia da Educação;  
Aluna do Programa de Estudos pós-graduados em Psicologia da Educação  
UNIDADE DA PUC-SP: Programa de Pós-graduação em Psicologia da Educação

**II - EXPLICAÇÕES DO PESQUISADOR AO SUJEITO SOBRE A PESQUISA**

Esta pesquisa tem como objetivo desenvolver uma prática psicológica de atenção psicoeducativa dirigida à comunidade, baseada na escuta especializada, na reflexão e no diálogo. Relata a experiência de um serviço de plantão psicoeducativo e as demais singularidades vividas na realização do mesmo. Este trabalho poderá auxiliar práticas que visem a construção de projetos futuros para esta população. A participação nesta pesquisa não é obrigatória. Entretanto, seus relatos são de extrema importância para o desenvolvimento de ações do âmbito da Saúde Pública, cujos principais beneficiários serão os moradores da comunidade. Os relatos recebidos terão a garantia de privacidade e sigilo das informações individuais obtidas.

**III – ESCLARECIMENTOS DADOS PELO PESQUISADOR SOBRE GARANTIAS DO SUJEITO DA PESQUISA**

Ficam garantidas aos sujeitos da pesquisa:

1. O acesso, a qualquer tempo, a informações sobre procedimentos, riscos e benefícios relacionados à pesquisa.
2. A salvaguarda do sigilo dos dados identificatórios.

**IV – INFORMAÇÕES DE NOMES, ENDEREÇOS E TELEFONES DOS RESPONSÁVEIS PELO  
ACOMPANHAMENTO DA PESQUISA, PARA CONTATO EM CASO DE DÚVIDAS**

Profa. Dra. Heloisa Szymanski e Rafael Ogalla Tinti  
 Programa de Pós-Graduação em Educação: Psicologia da Educação – PUCSP  
 R. Monte Alegre, 984 – Perdizes – São Paulo – Fone: (11) 3670-8527

**V – CONSENTIMENTO PÓS-ESCLARECIDO**

Declaro que, depois de convenientemente esclarecido pelo pesquisador e de ter entendido o que me foi explicado, consinto em participar do presente Protocolo de Pesquisa.

S.Paulo, .....de.....de 2003.

.....  
 Sujeito da pesquisa ou seu representante legal

.....  
 Pesquisador

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ABRAMOVITCH (Org.). *Ritos de passagem da nossa infância e adolescência: antologia*. São Paulo: Summus, 1985.
2. ARENDT, Hannahh. *A condição humana*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001.
3. \_\_\_\_\_ *A vida do espírito: o pensar, o querer, o julgar*. 5. ed. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.
4. \_\_\_\_\_ *Entre o passado e o futuro*. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 2003.
5. \_\_\_\_\_ *Eischmam em Jerusalém. Um relato sobre a banalidade do mal*. 10. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
6. BERG, J. van Den. *Metabletica: psicologia histórica*. 5. ed. São Paulo: Mestre Jou, 1965.
7. BOSS, Medard. *Angústia, culpa e libertação*. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1997.
8. CRITELLI, Dulce M.. *Educação e dominação Cultural: tentativa de reflexão ontológica*. São Paulo: Cortez, 1981.
9. \_\_\_\_\_ *Analítica do Sentido: uma aproximação e Interpretação do Real de Orientação Fenomenológica*. São Paulo: Educ: Brasiliense, 1996.
10. \_\_\_\_\_ Justo a mim me coube ser eu. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 22 jul. 2004. (Caderno Equilíbrio)
11. \_\_\_\_\_ In: Curso de Pós graduação em Filosofia da PUC SP, 2005.

12. CYTRYNOWICZ, Maria Beatriz. O Tempo da infância. *Revista da Associação Brasileira de Daseinsanalyse*. São Paulo, n. 9, p. 54-73, 2000.
13. DICHTCHEKENIAN, Nichan. Direito de respostas. *Boletim Clínico, Edição Especial da Clínica Ana Maria Poppovic*. São Paulo, v. 17, p. 61-74, 2003.
14. DOSTOIEVSKI, Fiodor. *O grande inquisidor*. Virtual Books, 2001. Disponível em: <virtualbooks.terra.com.br/freebook/traduzidos/o \_grande\_inquisidor.htm>. Acesso em: 20 out. 2005.
15. ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano: A essência das religiões*. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
16. GAOS, Jose. *Introducción a el ser y el tiempo de Martin Heidegger*. 3. ed. México: Fondo de Cultura Económica, 1996.
17. HEIDEGGER, Martin. *Ser e Tempo*. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 1993.
18. \_\_\_\_\_ *Sobre o Humanismo*. 2. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995.
19. MACHADO, Marina. *Cacos de Infância: teatro da solidão compartilhada*. São Paulo: Fapesp/Annabkume, 2004.
20. MORATO, H. (Org.). Aconselhamento Psicológico e instituição: algumas considerações sobre o serviço de aconselhamento psicológico do IPUSP. *Revista Aconselhamento Psicológico Centrado na Pessoa: Novos Desafios. Casa do Psicólogo*, São Paulo, p. 91-115, 1999.
21. PEROSA, Miguel. *Descobrimo a si mesmo*. São Paulo: Moderna, 1995.
22. POMPÉIA, João. O tempo da maturidade. *Revista da Associação Brasileira de Daseinsanalyse*. São Paulo, n. 9, p. 90-111, 2000.
23. \_\_\_\_\_ *Na presença do Sentido: uma aproximação fenomenológica a questões existências básicas*. São Paulo: Educ, 2004.

24. RILKE, Rainer M. *Cartas a um jovem poeta*. 10. ed. Rio de Janeiro: Globo, 1989.
25. SAINT-EXUPÉRY A. de *Terra dos homens*. São Paulo: Nova Fronteira, 2001.
26. SCHEURMANN, Erich. *O Papalagi*. São Paulo: Marco Zero, 2003.
27. SPANOUDIS, Solon. A tarefa do aconselhamento e orientação a partir da daseinsanalyse. *Revista da Associação Brasileira de Daseinsanalyse*. São Paulo, n. 4, p. 5-15, 1978.